

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CAMPUS FREDERICO WESTPHALEN
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
JORNALISMO BACHARELADO**

Lívia de Mello Trindade

**“VIDA DE GADO”: ANÁLISE DISCURSIVA DA AGROPECUÁRIA NA
AMAZÔNIA EM REPORTAGENS DOS PORTAIS *UOL* E *GLOBO*
RURAL NO ANO DE 2019**

Frederico Westphalen, RS
2020

Lívia de Mello Trindade

**“VIDA DE GADO”: ANÁLISE DISCURSIVA DA AGROPECUÁRIA NA AMAZÔNIA
EM REPORTAGENS DOS PORTAIS *UOL* E *GLOBO RURAL* NO ANO DE 2019**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo Bacharelado, Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM – FW), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Orientadora: Prof^ª. Dra^ª. Cláudia Herte de Moraes

Frederico Westphalen, RS
2020

Lívia de Mello Trindade

**“VIDA DE GADO”: ANÁLISE DISCURSIVA DA AGROPECUÁRIA NA AMAZÔNIA
EM REPORTAGENS DOS PORTAIS *UOL* E *GLOBO RURAL* NO ANO DE 2019**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo Bacharelado, Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen (UFSM – FW), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Jornalismo**.

Aprovado em:

Profa. Dra. Cláudia Herte de Moraes (UFSM)
(Orientadora)

Dra. Eliege Maria Fante (UFRGS)

Dranda. Ângela Camana (UFRGS)

Frederico Westphalen, RS
2020

AGRADECIMENTOS

A minha família: meus pais, Jesuina e Manoel, pelo amor incondicional, pelo apoio e pela inspiração de luta e vida; minhas irmãs, Lidiane, Liana e Liara, pela sororidade somada ao afeto; e meus cachorros, pelo carinho e constante alegria (óbvio).

As minhas amigas, Juliane Mezzalira e Isadora Villanova, pela paciência e companhia durante essa trajetória, e à Eduarda da Silva, pelo laço que possuímos de ajuda mútua.

A minha orientadora, Cláudia Herte de Moraes, por ser minha primeira motivação na integração à pesquisa ambiental. Sou extremamente grata por todas orientações e conversas que tivemos, teus saberes me inspiram.

À banca, por aceitar a ler meu trabalho e avaliá-lo: Dra. Eliege Maria Fante (UFRGS), Dranda. Ângela Camana (UFRGS) e Prof. Reges Schwaab, agradeço pelas contribuições no início dessa jornada.

A Frederico Westphalen, por ter me acolhido durante estes anos de graduação e à Universidade Federal de Santa Maria, por me proporcionar um ensino de extrema qualidade.

Tudo que é contrário à Natureza é contrário à
razão; e o que é contrário à razão é absurdo.
(Alberto Acosta)

RESUMO

“VIDA DE GADO”: ANÁLISE DISCURSIVA DA AGROPECUÁRIA NA AMAZÔNIA EM REPORTAGENS DOS PORTAIS UOL E GLOBO RURAL NO ANO DE 2019

AUTORA: Lívia de Mello Trindade
ORIENTADORA: Profa. Dra. Cláudia Herte de Moraes

Este trabalho tem o objetivo de compreender a construção do discurso de reportagens do *Uol* e *Globo Rural* a respeito da agropecuária (na Amazônia), no ano de 2019. Como base, esse estudo traz preceitos da história da agricultura e de como o homem dominou a atividade, bem como do agronegócio no Brasil como trabalho de ponta para economia. Além disso, a pesquisa também apresenta o panorama da pecuária e seu desenvolvimento e da Amazônia e suas transformações durante esses anos, para servir às metas do capitalismo. Ademais, aborda-se a relevância do Jornalismo Ambiental na cobertura de notícias do país. Como metodologia, são usados os fundamentos da Análise do Discurso (AD) para exploração das reportagens que foram coletadas. O método empregado na pesquisa foi a análise das sequências discursivas (SD), com a busca dos principais sentidos. Eles foram assim organizados: *O agronegócio é bom; Ameaças à pecuária; Soberania e equilíbrio comercial; Alerta de prejuízos; e Animal: a mercadoria*. Os resultados de uma análise geral da cobertura jornalística sobre meio ambiente indicam a presença de reportagens bem articuladas nos portais *Uol* e *Globo Rural*, com a assiduidade de pautas que tiveram grande abrangência em 2019. Em compensação, pouco foi abordada a relação direta da Amazônia com a atividade pecuária, causadora de desmatamento e, conseqüentemente, de mudanças climáticas no Brasil e no mundo.

Palavras-Chave: Jornalismo Ambiental. Análise do Discurso. Globo Rural. UOL. Agropecuária.

ABSTRACT

“VIDA DE GADO”: AN ANALYSIS OF AGRICULTURE IN THE AMAZON, FOCUSING ON UOL AND GLOBO RURAL NEWS REPORTS IN 2019

AUTHOR: Lívia de Mello Trindade
ADVISOR: Profa. Dra. Cláudia Herte de Moraes

The aim of this paper is to understand how Uol and Globo Rural's reporting discourse on agriculture in the Amazon throughout 2019 was developed. This study presents a historical outlook on agriculture and mankind's influence over it, and demonstrates how agribusiness serves as cutting-edge work for economy. It further addresses the cattle breeding industry and its evolution in becoming an instrument of capitalism, all the while considering the Amazon rainforest's transformations during those years. Furthermore, this study underlines the importance of Environmental Journalism in news coverage all over the country. Regarding research methodology, the fundamentals of Discourse Analysis were used to examine the newspaper reports that were collected. The research method was based on analysis of the discursive sequences, in order to identify the main principles, that were organized as follows: Agribusiness is good; Threats faced by the cattle breeding industry; Sovereignty and the commercial balance; Loss alert; and Animals: a commodity. Moreover, for a general outlook of news coverage on the environment, news reports issued by Uol and Globo Rural that covered 2019's most relevant issues are featured in this paper. However, the Amazon's direct connection with the cattle breeding industry, which has proven to cause mass deforestation and, consequently, climate change, not only in Brazil but worldwide, was insufficiently discussed.

Keywords: Environmental Journalism. Discourse Analysis. Globo Rural. Uol. Agriculture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
OBJETIVOS	11
1. ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2. UMA BREVE HISTÓRIA DA AGRICULTURA NA HUMANIDADE	13
2.1 O HOMEM NO PASSADO	14
2.2 O HOMEM NA ATUALIDADE	15
3. O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO	17
3.1 A CRIAÇÃO DE GADO COMO AMEAÇA	19
4. UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA	21
5. JORNALISMO NO ENFOQUE AMBIENTAL	25
6. ANÁLISE DO DISCURSO E ENQUADRAMENTO DISCURSIVO	28
6.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DISCURSIVA NO PORTAL <i>UOL</i>	31
6.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DISCURSIVA NO PORTAL <i>GLOBO RURAL</i>	32
7. PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO	33
7.1 SENTIDO “O AGRONEGÓCIO É BOM”	33
7.2 SENTIDO “AMEAÇAS À PECUÁRIA”	35
7.3 SENTIDO “PREJUÍZO AMBIENTAL”	36
7.4 SENTIDO “SOBERANIA E EQUILÍBRIO COMERCIAL”	38
7.5 SENTIDO “ALERTAS DE PREJUÍZOS”	39
7.6 SENTIDO “ANIMAL: A MERCADORIA”	40
8. DISCURSO DO <i>UOL</i> VERSUS MÉTODO <i>GLOBO RURAL</i>	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE A – LINKS DAS REPORTAGENS DO <i>UOL</i>	51
APÊNDICE B – LINKS DAS REPORTAGENS DO <i>GLOBO RURAL</i>	53
APÊNDICE C – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DO <i>UOL</i>	55
APÊNDICE D – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DO <i>GLOBO RURAL</i>	58

INTRODUÇÃO

Tratar de Jornalismo Ambiental no contemporâneo torna-se urgente. Essa área do Jornalismo possui a missão de encarar com responsabilidade a cidadania e, acima de tudo, o meio ambiente. É ela que realiza a veiculação de conteúdo para a grande mídia e para a mídia especializada. Dentro do campo das temáticas ambientais enfatizados nessa área jornalística, encontram-se as mudanças climáticas. Dados do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) apontam a relação entre o aquecimento global e atividades como o desmatamento e a agropecuária¹.

O Brasil é um país com muitas atividades ruralista que possui o agronegócio como uma das principais rendas do país e, portanto, a cobertura jornalística sobre a atividade agropecuária é comum. No entanto, como indica Hannigan (1995, p. 96) “[...] os problemas ambientais complexos, com múltiplas dimensões são os mais difíceis de processar, visto que eles podem deparar-se facilmente com dificuldades nas disputas científicas e rivalidades interdepartamentais”. A visão de Hannigan talvez seja um dos motivos para a carência de abordagem crítica sobre este tema na mídia brasileira, muito em função de que nossa economia gira em torno do agronegócio. Assim, a cobertura de impactos ambientais causados pela pecuária no Brasil é quase nula.

Os portais escolhidos para serem analisados neste trabalho são de Jornalismo *online*, o *UOL* e o *Globo Rural*. O *Universo Online*, conhecido nacionalmente por *UOL*, é a maior empresa de conteúdo virtual, serviços digitais e tecnologia, afiliada do Grupo Folha. Possui mais de 7,4 bilhões de páginas vistas mensalmente, além de mais de 98 milhões de visitantes no mês. Seu conteúdo jornalístico é diverso, conta com material variado². Já o *Globo Rural*, como qualquer revista de circulação nacional, possui uma plataforma voltada a conteúdos de produção agrícola, pecuária, tecnológica, além de cultura popular e reportagens com destaque para o campo. O site da revista *Globo Rural* está entre os mais acessados pelos produtores rurais. Isso porque abrange em seu conteúdo seções de serviços importantes para esse público,

¹Disponível em: <<https://www.ipcc.ch/sr15/>>. Acesso em junho de 2020

² Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/media/uploads/midia_kit/midia_kit_6jan16.pdf> Acesso em junho de 2020

como cotações de *commodities* e também leilões, além de mostrar narrativas sobre o homem no agronegócio e no campo.³

O *UOL* engloba diversas pessoas por tratar em sua plataforma de assuntos variados. O conteúdo jornalístico deste site aborda temas que vão desde economia e o entretenimento a esportes e comportamento, passando por temáticas como clima e meio ambiente (os dois últimos focos deste trabalho). As fontes utilizadas por esta plataforma são generalistas, ainda mais devido ao enfoque em público diverso proposto pela página. Já o site da revista *Globo Rural* é categorizado como uma mídia especializada, pois a grande maioria do conteúdo desta plataforma é voltada para o homem do agronegócio. Especialistas de lavouras, gado e plantio, tornam-se as principais fontes do site⁴.

O ano de 2019 começou com um novo mandato na presidência, exercido por Jair Messias Bolsonaro (eleito pelo PSL, agora sem partido). O presidente empossado mudou a aparência da política brasileira, na área ambiental promoveu a desestruturação dessas políticas públicas. O país, que anteriormente representava ser exemplo em questões ambientais, agora sofre com a desestruturação dessa área.

O primeiro semestre do ano foi marcado pela aprovação de mais de 200 agrotóxicos para as lavouras, ato regido pelo Ministério da Agricultura, que tem como ministra a agricultora Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias. Também foi registrado pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) o aumento de 60% nos incêndios florestais. A catástrofe mais recente está nas praias brasileiras: em setembro de 2019, o vazamento de petróleo no Nordeste atingiu mais de 2 mil quilômetros do seu litoral.

Segundo Hannigan (1995), a cobertura de catástrofes ambientais pode envolver danos e perdas de vidas, ou também a possibilidade de isso acontecer. Tratando-se de desastres no meio ambiente, em concordância com Girardi e Moraes (2013), é válido afirmar que, em decorrência da mudança climática, a vida de todos os seres vivos é afetada. Nesse sentido, o olhar da imprensa tende a ser mais cuidadoso, como também dos pesquisadores de Jornalismo do mundo inteiro.

³Disponível em: http://editora.globo.com/midiakit/globorural/arquivos/MidiaKit_GloboRural.pdf. Acesso em junho de 2020

⁴Disponível em: http://editora.globo.com/midiakit/globorural/arquivos/MidiaKit_GloboRural.pdf.

Esse trabalho se justifica diante do fato de que as florestas e os animais convivem pela mesma terra. Esta, ao longo do tempo, sofre devastações crescentes por parte do ser humano. A agropecuária brasileira proporciona renda para o país, porém está empobrecendo as terras amazônicas e devastando os recursos naturais da nação. Do ponto de vista pessoal da autora desta pesquisa, falar sobre a agropecuária em tempos de destruição ambiental brasileira torna-se urgente.

Este estudo busca pensar sobre uma nova visão para o setor da economia do país, reconhecido como uma das principais fontes de renda para milhões de brasileiros. Ele é responsável, principalmente, por fornecer alimento para as mais diversas classes do país. Entretanto, no decorrer do trabalho aqui apresentado, serão avaliadas as facetas desta atividade pela dimensão ambiental, refletindo sobre o impacto na poluição e degradação do território e dos recursos naturais. Ao realizar a o estado da arte deste estudo, a autora utilizou palavras-chave como *jornalismo*, *agropecuária*, *impacto ambiental* e *amazônia*. A partir dessas palavras, foram encontrados menos de cinco estudos sobre o assunto (incluindo teses, dissertações, livros, artigos científicos, monografias). Assim, decidiu-se pelo trabalho com os temas separadamente (Jornalismo e agropecuária), no intuito de encontrar as referências que serão cruzadas na pesquisa.

Como base de estado da arte, encontrou-se muitos autores, com destaque aos pesquisadores em Jornalismo Ambiental, como Barros (2012), Bueno (2008), Trigueiro (2005) e Girardi (2013). Estes tratam dos olhares da mídia para as questões ambientais e, ainda, problematizam como a cobertura desta temática é efetivada. Para abordar a agricultura e agropecuária, foram consultados os textos de Veiga (2003), Ohashi (2019) e Renai (2019). A base metodológica da Análise do Discurso (AD) traz especialmente ideias de Pêcheux (1995), Foucault (1995) e Orlandi (1988).

OBJETIVOS

O objetivo geral do trabalho é *compreender como os portais de notícia Uol e Globo Rural constroem o discurso sobre a agropecuária na Amazônia nas reportagens de 2019*. A partir disso, o estudo tem como objetivos específicos:

- Identificar as sequências discursivas nas reportagens sobre o tema;
- Reconhecer os sentidos sobre a agropecuária nos portais analisados;

- Compreender a construção do discurso sobre o tema agropecuária nos portais *UOL* e *Globo Rural*.

Para compreender a construção dos sentidos nas reportagens dos portais *UOL* e *Globo Rural*, objetos desta pesquisa, trabalha-se com subsídios teórico-metodológicos fornecido pela Análise do Discurso de linha francesa (AD). Para a análise, foram coletadas reportagens dos referidos portais no período de 2019, a partir da busca por meio de palavras-chave: Agropecuária e Pecuária Amazônia

1. ESTRUTURA DO TRABALHO

No capítulo *Uma breve história da agricultura na humanidade*, aborda-se a relação do homem com a terra para fins alimentícios, desde o tempo neolítico à atualidade. Na parte do *Homem no Passado* explica-se como a revolução agrícola no período neolítico afetou populações do Oriente e Ocidente. Já em *Homem na Atualidade*, o assunto é a modernização do campo: a área foi revolucionada pela tecnologia, em decorrência da Revolução Verde⁵. O *Agronegócio Brasileiro* é o capítulo onde são abordadas as façanhas das atividades agrícolas no Brasil, e como o desempenho das atividades estimula a economia do país.

Progredindo, o capítulo *A Criação de Gado Como Ameaça* aborda os percursos da atividade pecuária até os dias de hoje. Nesta etapa, são apresentadas as consequências causadas pela indústria de carne, que incluem um agravamento ambiental capaz de devastar solo, água e ar.

Um Olhar Para Amazônia apresenta uma singela história da floresta tropical, bem como de seu bioma. Além do mais, este capítulo envolve dados sobre o desmatamento causado na área durante anos e também problematiza a disputa da Amazônia como território nacional e internacional, ocorrida no ano de 2019. Em *O Jornalismo No Enfoque Ambiental*, trata-se sobre o conceito e a importância da área, diante da pluralidade que é a comunicação.

O capítulo *Análise do Discurso e Enquadramento Discursivo* é a base deste trabalho: nele se contextualiza a teoria utilizada para análise das reportagens. Nesta parte do trabalho, com auxílio dos pesquisadores selecionados, aborda-se a produção

⁵ Inovações tecnológicas usadas no campo para o aumento da produtividade de alimentos. Originou-se na época da Segunda Guerra Mundial, quando os problemas remetidos à fome começaram a surgir.

do sentido do discurso. Dando continuidade ao estudo, o capítulo *Condições de Produção do Discurso dos Portais* trabalha a identidade de cada portal (*UOL* e *Globo Rural*), baseado em sua história como *site* de informação. Por fim, no capítulo *Processo Teórico-Metodológico*, coloca-se a teoria em prática: são realizadas as análises das reportagens de acordo com as sequências discursivas encontradas nos textos.

2. UMA BREVE HISTÓRIA DA AGRICULTURA NA HUMANIDADE

Definir o termo agricultura torna-se complexo, pela historicidade e contexto social. Entretanto, Diehl (1984) propõe conceituar a atividade como a arte de obter do solo, mantendo sempre a sua fertilidade e o máximo lucro. Tal conceito se encaixa apenas à produção do sistema gerando lucratividade. Já para Barros (1985), a agricultura é a artificialização do meio natural pelo homem, com o fim de o tornar mais apto ao desenvolvimento de espécies vegetais e animais, elas próprias melhoradas. Assim, o conceito torna-se um aglomerado de conjunto de técnicas culturais, independentemente do seu grau de aplicação.

Mas, para entender melhor o sistema “agro”, será preciso uma viagem no tempo para a era ancestral. A espécie humana surgiu no planeta há cerca de 150 mil anos e, desde então, passou por momentos de evolução. Essa evolução ocorre desde a era primitiva até os dias atuais e acarreta novas formas de adaptação em diferentes ambiente: o ser humano passou a transformar esses locais em prol da sua sobrevivência (MAZOYER, 2008).

A relação do homem com a agricultura surge na pré-história, na transição do Paleolítico para o Neolítico. Neste período, o homem era natureza e por isso o cultivo da terra torna-se uma das atividades mais importantes da história. O pesquisador define o homem Neolítico dessa época, como “ecletico, onívoro e adaptável” (MAZOYER, 2008, p. 58)

O homem do passado vivia do plantio e da criação de animais: ele não tinha um conhecimento elevado, mas transformava sua vida da melhor maneira possível. O que difere este ser do homem da atualidade são os avanços tecnológicos e o capitalismo: esses dois fatores não só influenciam suas vidas, como degradam o meio ambiente (MAZOYER, 2008).

2.1 O HOMEM NO PASSADO

A Revolução Agrícola no Período Neolítico é marcada pela descoberta do fogo. Essa inovação possibilitaria ao homem a conquista de novas técnicas para a dominação e a produção de alimentos e, conseqüentemente, o ser humano passaria a controlar a criação de animais. Mazoyer, em sua obra *História das agriculturas do mundo* (1997), conta sobre os avanços da Revolução Agrícola naqueles tempos, em áreas de centro oriental, centro-americano, chinês e centro neo-guineense.

O trecho abaixo é uma descrição do centro do oriente, onde se constituiu a Síria-Palestina, entre 10.000 e 9.000 anos antes do presente:

Esse regime amplamente vegetariano baseava-se na exploração de recursos abundantes – como jamais existirá, a ponto de permitir a subsistência de uma população numerosa e sedentária. A população cresceu, saiu das cavernas e passou a se estabelecer em novos habitats artificiais, agrupados em vilarejos de pequena dimensão (de 0,2 a 0,3 ha), compostos de casas redondas, separadas umas das outras, alicerçadas em madeira, estabelecidas sobre fossos e suspensas por arrimos de pedra. Em seguida a população expandiu-se progressivamente sobre o conjunto desse ecossistema privilegiado. (MAZOYER, 2008, p. 102)

Sobre o centro-americano, onde se constituiu o sul do México, entre 9.000 e 4.000 anos antes do presente, o autor postula:

A partir dessa época, os cultivadores americanos dispuseram de um cereal, o milho, e de uma leguminosa alimentar, o feijão, que lhes permitiu suprir suas necessidades calóricas e proteicas e de uma planta têxtil, o algodão. Foi tão somente nesse momento que a agricultura se tornou o modo de exploração do meio, que sem ser exclusiva, foi pelo menos nitidamente predominante. As populações se tornaram sedentárias nos vilarejos, transformando-se em permanentes, no vale de Tehuacán e de vários outros sítios (Tamaulipas, Oaxaca etc.). Notamos, ainda, que os únicos animais domesticados no México foram o peru e o pato da Barbaria, e que esta domesticação interveio muito tardiamente, há cerca de 2.000 anos. (MAZOYER, 2008, p. 111)

O centro chinês, há 8.500 anos, abrangia o norte da China. Localizava-se nos terraços de solos siltosos (*loess*) do médio rio Amarelo e, depois, expandiu-se para nordeste e sudeste, entre 8.000 e 6.000 anos antes do presente:

[...] Esse complexo cultural se enriquece pela presença de duas plantas cultivadas muito importantes, como a soja vinda do Nordeste e o arroz vindo do sudeste. É nessa zona de extensão do sudeste que emergiu, no sétimo milênio antes de nossa era, a cultura dita de Long Shan, caracterizada por suas cerâmicas negras e pela predominância do cultivo do arroz. Notemos, entretanto, que a hipótese segundo a qual o arroz teria sido domesticado de maneira independente em várias regiões do sudeste asiático atrai igualmente a atenção de numerosos pesquisadores. (MAZOYER, 2008, p.111)

Já a situação do centro neo-guineense, onde se constituiu a Papuásia-Nova Guiné, há 10.000 anos antes do presente, é assim descrita pelo autor:

Depois, há mais ou menos 9.000 anos, essas culturas teriam sido reagrupadas em hortas previamente desmatadas e cercadas. Talvez, como argumentam alguns estudiosos, para protegê-las dos porcos domesticados localmente, mas sem nenhuma dúvida, para defendê-las dos javalis que não precisavam ser domesticados para atacarem um campo de tubérculos. O porco doméstico proveniente do continente asiático somente teria chegado à Nova-Guiné por volta de 5.000 anos antes da presente Era e teria cruzado com os javalis selvagens ou em vias de domesticação. Há 7.000 anos antes do presente Era, as hortas de taro teriam se estendido às zonas pantanosas, instalando-se sobre as plataformas previamente desmatadas e drenadas. (MAZOYER, 2008, p..112)

Mais adiante na história, por meados do século XVIII e XIX, ocorre a Primeira Revolução Agrícola. Esse movimento trazia como objetivo o aumento da produção e da produtividade dos trabalhadores. Com isso, surgiram técnicas de cultivo, novas diversidades de sementes e determinação para espaço da pecuária.

A consequência deste avanço foi o crescimento populacional e o *déficit* da fertilidade dos solos utilizados. No final do século XIX e início do século XX, o problema da falta de alimentos na Europa levou a descobertas científicas, possibilitadas pelo desenvolvimento tecnológico: fertilizantes químicos, melhoramento genético, máquinas e motores a combustão.

As descobertas permitiram o progressivo abandono das antigas práticas, levando a uma especialização dos agricultores, tanto nas culturas quanto nas criações (ALMEIDA, 2004). Essa fase passa a se chamar de Segunda Revolução Agrícola, ou Revolução Verde. Nela, os meios industriais e químicos começaram a fazer parte do sistema de produção agrícola, com uso de herbicidas, fungicidas, inseticidas, além da integração de máquinas para facilitar o sistema de plantação do campo, como colheitadeiras, tratores e outros mecanismos que ajudaram - e ainda ajudam - o agricultor (DE ANDRADES, 2007).

2.2 O HOMEM NA ATUALIDADE

A ideia da agricultura como parte da atividade econômica surge como forma de consciência coletiva: o lucro é importante, mas acabou resultando em casos de

poluição do solo, da água e do alimento, além das energias fósseis e outros problemas que surgiram com o decorrer do tempo.

Com o início do século XX, a produtividade agrícola elevou seus números, como afirma Veiga (2003, p. 3): “O diferencial de produtividade entre elas ia de 1 a 10. Hoje, chega a ser de 1 para 500 a diferença entre agricultura manual menos produtiva do mundo e a mais intensiva em insumos externos”. De acordo com Pacífico (2009), a modernização da agricultura, aliada ao avanço das tecnologias especializadas, passa a compor as relações humanas de maneira invisível, mas presente. Daí surge o modelo de agricultura produtivista e exploradora de recursos naturais, que visa a lucratividade.

A mudança técnica causada pela Revolução Verde trouxe ao homem o poder de comandar o sistema alimentar; porém, faltavam ainda os aspectos sociais, políticos e econômicos para implantação, de fato, do processo de modernização da agricultura (DE ANDRADES, 2007). Os interesses para o ramo de produção de alimentos, promoveu um despertar de ambições

Surgiram do grande capital imperialista monopolista do pós-guerra mundial. Grandes empresários perceberam que um dos caminhos do lucro permanente eram os alimentos. Possuindo grandes sobras de material de guerra (indústria química e mecânica), direcionaram tais sobras para a agricultura. Encarregaram as fundações Ford e Rockefeller, o banco Mundial, entre outros, para sistematizar o processo. Estes montaram a rede mundial GCPAI – Grupo Consultivo de Pesquisa Internacional – que é, na realidade, o somatório de centros de pesquisa e treinamento localizados em todo o mundo. (ZAMBERLAM; FRONCHET, 2001, p. 17)

O preço **das** *commodities*⁶ nos países periféricos se tornou baixo, à medida em que a exportação para esses países aconteceria apenas em regime de subsistência. Assim, os produtores dessas localidades se especializaram em culturas fortes de suas regiões, como produtos de cultura tropical. Porém, com outras nações na mesma situação, visando o lucro, os produtos começam a ter concorrência. Um exemplo é a beterraba e o milho em oposição à cana-de-açúcar; ou o algodão, o tabaco e a laranja nos EUA contra os produtos do hemisfério sul (VEIGA, 2003).

Algumas tecnologias foram recebidas por países de baixa renda em seus cultivos, como o uso de praguicidas e fertilizantes. No entanto, essas nações não

⁶ São produtos que funcionam como matéria-prima, produzidos em escala, e que podem ser estocados sem perda de qualidade, como petróleo, suco de laranja congelado, boi gordo, café, soja e ouro.

utilizavam mecanização pesada, que beneficiaria plantações de agricultura de larga escala. Com isso, esses países sofreram de forma que afetaria sua economia.

Apesar da maioria dos agricultores da África e metade dos agricultores da Ásia e da América Latina ainda manterem velhas práticas manuais de produção, eles também passaram a produzir cada vez mais para os mercados externos sempre que pretenderam obter alguma renda monetária exigida por novos hábitos de consumo, impostos, aluguéis etc. Sem saber, também contribuíram para o aumento da oferta que provoca a derrocada dos preços, da qual sempre são as primeiras vítimas. (VEIGA, 2003, p. 202-203)

Integrar-se em uma massa de produtores que fazem o uso desenfreado da agricultura moderna, com pacotes de tecnologia e inovação, é participar de um sistema que visa, acima de tudo, a produtividade e o lucro. Isso significa que o intuito, muitas vezes, não é proteger o solo e os recursos ambientais proporcionados pela natureza. O Brasil é um país periférico e como tal adota, em alguns casos, o padrão modesto na agricultura, uma vez que seus recursos naturais são propícios para muitas culturas de plantação. Mas essas riquezas estão a um passo de acabar. O Agronegócio torna-se o pilar para a economia em qualquer país, e no Brasil não é diferente.

3. O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

O agronegócio é uma das mais importantes fontes geradoras de riqueza do Brasil. Para Lourenço e Lima (2009), é o conjunto de negócios relacionados à agricultura dentro do ponto de vista econômico. Segundo os autores, costuma-se dividir o agronegócio em três partes. A primeira parte trata dos negócios agropecuários, que representam os produtores rurais, sejam eles pequenos, médios ou grandes produtores. Estes são constituídos na forma de pessoas físicas (fazendeiros ou camponeses) ou de pessoas jurídicas (empresas). Na segunda parte, estão alocados os negócios a montantes remetidos agropecuária, representados por indústrias e comércios que fornecem insumos para a produção rural. Por fim, na terceira parte, dos negócios agropecuários, está a compra, transporte, beneficiamento e venda dos produtos, até chegar ao consumidor final. Exemplos de organizações que constituem essa etapa final da divisão seriam os frigoríficos, as indústrias têxteis e calçadistas, os empacotadores, os supermercados e os distribuidores de alimentos.

A exploração do pau-brasil, árvore que remete ao nome do Brasil, começou com a ocupação do território nacional por volta do século XVI. Coincidentemente,

foram iniciadas também as plantações de lavouras canavieiras, o que fortaleceu a sustentação da economia naquela época.

No país, o agronegócio destacou-se por volta de 1978, quando atingiu um volume arrecadado de US\$ 20 bilhões. Neste período, a produção cresceu junto com os investimentos aplicados no Brasil, o modelo agroexportador. O país deixa de ser uma nação que fornecia apenas produtos tropicais (café, açúcar, cacau) e passa a exportar também produtos de ampla concorrência, como a soja, a celulose e as carnes.

Com a pesquisa realizada por Lourenço e Lima (2009), baseada na RENAI (a Rede Nacional de Informações sobre o Investimento), os autores concluíram que:

O processo de colonização e crescimento está ligado a vários ciclos agroindustriais, como a cana-de-açúcar, com grande desenvolvimento no Nordeste; a borracha da exuberância à região amazônica, transformando Manaus numa metrópole mundial, no início do século, logo depois o café torna-se a mais importante fonte de poupança interna e o principal financiador do processo de industrialização; mais recentemente, a soja ganha destaque como principal commodity brasileira de exportação. (LOURENÇO; LIMA, 2009, p. 2)

Segundo Stefanelo (2002), o agronegócio é a maior fonte de economia mundial e brasileira. Ele representa a geração de U\$ 6,5 trilhões/ano e, no Brasil, os números são recordistas também⁷. Este valor equivale a negócios, “abrangendo o suprimento de insumos, o beneficiamento/processamento das matérias-primas e a distribuição dos produtos”⁸.

A continuidade do sucesso do agronegócio brasileiro depende também da infraestrutura e da logística de suporte ao setor. Rodovias, ferrovias, hidrovias, portos: todos esses meios de transporte, responsáveis pelo escoamento dos produtos do campo, apresentam deficiências graves no Brasil. A logística (transporte, armazenagem e portos) é hoje um dos principais pontos de estrangulamento do agronegócio, ao lado do desenvolvimento da biotecnologia (transgênicos).

O sistema agropecuário se integra ao agronegócio, por proporcionar lucratividade para o Estado. No Brasil, onde há abundância de recursos naturais, a atividade torna-se propícia, principalmente para a plantação de pasto para o gado. No

⁷ Em 2016, a soma de bens e serviços gerados no agronegócio chegou a R\$1,3 trilhão ou 23,6% do PIB brasileiro. Essa participação tem crescido nos últimos anos. Era de 20,4% em 2014 e de 21,4% um ano depois. Fonte: <https://www.cnabrazil.org.br/cna/panorama-do-agro>.

⁸ Disponível em: <https://img.fae.edu/galeria/getImage/1/16579064525508246.pdf>.

ano de 2019, as queimadas ocorridas na Amazônia foram resultado de práticas agrícolas para renovação de pastagem e do desmatamento. Essas atividades são normalmente realizadas por garimpeiros, grileiros, madeireiros ilegais, além dos próprios pecuaristas (SANSERVINO, 2019).

3.1 A CRIAÇÃO DE GADO COMO AMEAÇA

A agropecuária existe desde o tempo Neolítico, quando o homem começou a tomar posse dos animais como forma de subsistência. Essa atividade é responsável pela criação de animais, sejam eles bovinos, aviários, suínos, etc. A problemática desta criação são os impactos ambientais trazidos por ela. O consumo mensurável de água e o desmatamento são os opositores da pecuária.

Setores produtivistas, como a pecuária e a agricultura, possuem uma vasta importância na economia do país. Porém, a preservação do meio ambiente é adversária desse meio de produção. Os solos marginais são designados para o cultivo de pastagens e lavouras. Esse fato favorece a degradação das “propriedades físicas, químicas e biológicas do solo que compromete a sustentabilidade do ecossistema”, conforme Galharte (2010, p. 2).

Antes de um pedaço de carne chegar à mesa, ou mesmo uma peça de roupa ser disponibilizada para venda, muitos processos são feitos e estes causam prejuízos para o meio ambiente. Para entender melhor esta relação, basta observar os números: para a produção de 1 fatia de pão, são necessários 40 litros de água; na produção de 1 copo de cerveja são necessários 75 litros de água; agora, para a produção de 1kg de carne bovina, são necessários 15 mil litros de água⁹.

Para alimentar o gado e criá-lo, é necessário um extenso território. Assim, os pecuaristas podem ampliar sua produção, almejando o lucro. Um dos territórios mais devastados e explorados no Brasil é a Amazônia. O desmatamento na Amazônia brasileira tem aumentado continuamente desde 1991, variando de acordo com as mudanças relacionadas às forças econômicas. Para Fearnside (2017), os atores e forças que se apropriam do desmatamento variam, mas, em geral, são os grandes e médios fazendeiros, além de agricultores de algumas regiões.

⁹Disponível em: <https://waterfootprint.org/en/>.

Segundo dados do ano de 2017 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Brasil havia mais de 218 milhões de bovinos para um índice de 208 milhões de pessoas. Vale ressaltar que “a expansão do gado no Centro-Oeste é consequência da extensão do território, que favorece a pecuária de grande porte. Além disso, há a proximidade tanto com a indústria de abate, quanto com os centros de produção de grãos”¹⁰.

Os dados do IBGE (2018), estudados por Ohashi, indicam um crescimento vasto do gado:

Como consequência desse crescimento, ocorreu na mesma proporção o crescimento da derrubada da floresta para formação de pastagem cultivada, cuja área passou de 4.105.488 para 44.766.547 (IBGE, 2018), e a da degradação na Amazônia Legal somaram 2.072,03 km² no mês de junho de 2019¹¹, segundo o Sistema de Detecção do Desmatamento em Tempo Real (DETER), filiado ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). (OHASHI, 2019, p. 203)

O grande problema é que a formação das pastagens foi realizada através de queimadas e sem nenhum critério técnico agroecológico. Segundo Ohashi (2019), este fato é um grave dano ao meio ambiente, especialmente em relação à preservação das matas ciliares das margens dos rios e das matas de preservação ao redor das nascentes. Isso porque as pastagens afetam “[...] principalmente os pequenos córregos, muitos dos quais outrora perenes, atualmente secam completamente na estação seca, afetando o volume dos rios nos quais desaguam” (OHASHI, 2019, p. 203).

Além de dados estatísticos, segundo a pesquisa de Primavesi (2004, p. 1):

A agricultura e a pecuária contribuem para as emissões antrópicas de metano (CH₄), dióxido de carbono (CO₂) e óxido nitroso (N₂O) à atmosfera. O aumento da concentração desses gases causa o aquecimento da superfície terrestre e destruição da camada de ozônio na estratosfera.

¹⁰Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/16994-rebanho-de-bovinos-tem-maior-expansao-da-serie-historica>.

¹¹Disponível em: <http://terrabilis.dpi.inpe.br/>.

Uma das áreas mais afetadas pela atividade agropecuária, é também, conhecida por uma das áreas mais ricas em biodiversidade. “O pulmão do mundo”, como é mundialmente conhecida a região amazônica, passa pela devastação desenfreada, dia após dia.

4. UM OLHAR PARA A AMAZÔNIA

Para definir o nome Amazônia é importante falar da primeira perspectiva do local, o rio Amazonas (mais tarde, tal nome tornou-se nome do estado brasileiro)¹². A versão inicial, preferida pela maior parte dos referenciais pesquisados até hoje, indica que a origem do nome é o navegador hispânico, Francisco Orellana. O desbravador, naquela época, após ter participado da conquista do Império Inca no ano de 1541, teria se deparado com mulheres fortes e guerreiras durante o seu percurso de descida pelo afluente do Rio Nepa, que se origina no Equador. Para Souza (2014), Francisco ficou impressionado com o perfil das aguerridas e começou a chamá-las de Amazonas, nome atribuído às mulheres guerreiras da mitologia grega¹³. Com isso, a mesma denominação foi atribuída ao rio.

Já a segunda versão sucede do entendimento dos índios nativos da floresta, que atribuíram o nome “Amazonas” à palavra de origem tupi, Amassunu, que significa “ruído das águas” ou “águas que retumbam”. De acordo com Souza (2014), apesar da importância e representatividade do índio para a região, há pouco reconhecimento dos setores públicos sobre esta versão para o nome Amazonas.

O termo Amazônia (nome dado à floresta tropical amazônica) surge a partir várias definições, uma vez que trata de diversas partes de um mesmo lugar.

Para tratarmos de Amazônia uma primeira pergunta é necessária, de que Amazônia tratamos? Podemos tratar da Amazônia a partir dos vários conceitos, tais como o político-administrativo, o econômico, o da Amazônia Sul Americana. Podemos então falar de uma Amazônia brasileira e de uma Pan-Amazônia. Com o conceito político-administrativo estamos nos referindo

¹²Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49459942>.

¹³ As Amazonas, segundo a mitologia grega, eram mulheres que foram imortalizadas na maioria das lendas por sua coragem de luta quando enfrentavam os homens que tentavam afrontá-las. Residiam em ilhas ou perto do mar e, frequentemente, recebiam visitas de aventureiros. Segundo uma lenda, as Amazonas eram filhas de Ares, deus da guerra, de quem teriam herdado a audácia e a coragem. O deus teria dado um cinturão para à rainha Hipólita como símbolo do poder sobre seu povo. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/amazonas-lenda-ou-realidade/>.

ao conceito de Região Norte, o conceito econômico refere-se à Amazônia Legal, estabelecida na década de 50 para o novo planejamento de integração territorial da região, e o conceito de PanAmazônia refere-se à Amazônia Sul-Americana, que integra parte do território dos países limítrofes da Amazônia brasileira. (TAVARES, 2011, p.107)

Com relação ao Bioma Amazônico, pode-se afirmar que este ocupa cerca de 40% do território brasileiro. Nele, estão localizados os estados do Pará, Amazonas, Amapá, Acre, Rondônia e Roraima e algumas partes do Maranhão, Tocantins e Mato Grosso. A região também inclui parte de territórios próximos ao Brasil, como as Guianas, Suriname, Venezuela, Equador, Peru e Bolívia. Segundo Carneiro e Filho (2009), a área do Bioma Amazônico possui 4,2 milhões de quilômetros quadrados.

Há quem confunda o Bioma Amazônico com a Amazônia Legal. No entanto, essas denominações são associadas a diferentes pontos: a primeira refere-se ao ecossistema que envolve a maior floresta tropical do mundo, a Floresta Amazônica e a bacia hidrográfica do rio Amazonas. Já a segunda é a política instituída pelo governo brasileiro, que abrange nove estados do país: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e uma parte do estado do Maranhão.

No Governo Vargas (1951-1953), que possuía objetivos desenvolvimentistas, foi criada a Amazônia Legal baseada na Lei 1.806, de 06 de janeiro de 1953, que assentou o Plano de Valorização Econômica da Amazônia. Tal lei foi revogada e substituída pela Lei nº 5.173, de 27 de outubro de 1966, que possuía o mesmo objetivo da anterior sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia, com o acréscimo da criação da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

Segundo Renha (2017, p. 6-7), “o projeto do plano de Valorização da Amazônia tinha o objetivo de ter uma ideia de desenvolvimento de longo prazo, com a previsão de um amplo período de estudos e pesquisas sobre a região, além de estímulos consistentes em termos de fomento à alimentação, saúde e infraestrutura”.

A obra de Valorização da Amazônia foi classificada como um empreendimento de grande porte, cujos objetivos foram estabelecidos como um esforço nacional para assegurar a ocupação territorial da Amazônia; construir uma sociedade economicamente estável e progressista e que fosse capaz de executar suas tarefas sociais com seus próprios recursos; e desenvolver a Amazônia num sentido paralelo e complementar ao da economia brasileira.

Atualmente, a área da Amazônia Legal, segundo dados do IBGE, possui uma extensão total de aproximadamente 5.020.000 km² e equivale à área dos estados da

Região Norte. Ela inclui também a totalidade do estado de Mato Grosso e de municípios do estado do Maranhão, situados a oeste do meridiano 44º, sendo essa a área total sob a atuação da SUDAM.

Figura 1 - Mapa da Região Norte do Brasil, Amazônia Brasileira/Legal e Amazônia Internacional



Fonte: Portal da Amazônia (2016)¹⁴.

Sobre as riquezas que a Amazônia Legal oferece, pesquisadas pelo IBGE (2011), destaca-se que:

1. Nessa região localiza-se o Bioma Amazônico em sua totalidade, além de 20% do Bioma do Cerrado;
2. Ela acolhe a maior floresta tropical do mundo, que é equivalente a 1/3 (um terço) das florestas tropicais úmidas do planeta;
3. Além disso, a região reúne cerca de 45% da água subterrânea potável do país e o maior banco genético de disponibilidade de água, fornecida pela Floresta Amazônica.

¹⁴Disponível em: <http://portalparamazonia.blogspot.com/2016/01/amazonia-legal-e-internacional.html>.

É neste ponto que surge o interesse humano de lucrar e explorar o patrimônio mais importante do nosso país. Devido ao solo do território sua possibilidade de expansão, Silva (2019) problematiza:

Toda essa grande diversidade, aliada à possibilidade de novas descobertas, têm despertado o interesse pela Amazônia Legal levando à sua exploração de forma não sustentável, o que pode trazer efeitos nocivos, não somente para o país, mas para todo o planeta. Portanto, a proteção da Amazônia Legal é primordial e para isso são necessárias políticas públicas eficientes e consistentes ao longo do tempo que possam contribuir efetivamente para a preservação do seu patrimônio natural. (p. 56)

Para Mello (2015), a Amazônia, que enfrentava um sistema de exploração desde a época de sua colonização, dispõe agora de uma “economia de saque”. Neste processo, há atividades extrativistas, de valor baixo, cujos resultados são destinados a centros industriais desenvolvidos, e sem acumulação de saldo para benefício da economia nortista.

Mundialmente conhecida, a Amazônia também é centro de interesses. Mesmo com os pontos positivos que esse reconhecimento pode trazer, é significativa a probabilidade de gerar riscos ambientais e climáticos para toda a humanidade, tendo em vista a visão da exploração econômica dos recursos naturais do vasto local. Mello (2015) crê que a tese de *intocabilidade* da floresta amazônica não é sustentável e se nutre de mitos do imaginário da comunidade internacional, “sobretudo daqueles que mais se beneficiam de seus efeitos, os países ricos, justo por possuírem em abundância aquilo que se negam a transferir: ciência, tecnologia e capital” (MELLO, 2015, p. 5).

Queimadas devastaram boa parte da Região Amazônica em 2019, causando danos irreversíveis. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)¹⁵, dados comprovam que, entre janeiro e agosto de 2019, registraram-se quase 73 mil incêndios, contra um total de 39.759 no ano anterior. Trata-se do número mais alto desde o início dos registros. Ainda, esse índice representa um incremento de 83% em comparação ao mesmo período de 2018. O acontecimento tornou-se preocupação global: houve protestos no mundo inteiro e declaração de líderes nacionais e internacionais, incluindo G7 – grupo dos países mais industrializados do mundo.

¹⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/31/opinion/1567208984_796341.html.

No entanto, o presidente Jair Bolsonaro se posicionou defendendo a soberania da nação e acusando outros países de possuírem interesses econômicos sobre a Amazônia. O político ainda afirmou que era uma falácia dizer que a Amazônia é patrimônio da humanidade (UOL,2019). Diante do pronunciamento do presidente da república, o mesmo foi acusado de cometer ecocídio, pela grande proporção de devastação do meio ambiente, e também genocídio, por haver comunidades tradicionais em locais afetados pelo fogo.

O UOL (2019) também divulgou as palavras do especialista Maurício Santoro¹⁶, cientista político e professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Segundo ele,

A possibilidade de sanções econômicas e de boicotes comerciais ao Brasil pode prejudicar o país. O agronegócio brasileiro depende de certificação internacional para acessar os mercados globais e não pode produzir alimentos com base no desmatamento ilegal.

5. JORNALISMO NO ENFOQUE AMBIENTAL

O Jornalismo Ambiental é uma especialização do fazer jornalístico e possui a missão de interpretar a ciência da natureza, da terra, por uma linguagem de fácil acesso à sociedade, que abranja desde os leigos no assunto até os que entendem dos vieses do meio ambiente. A principal função do Jornalismo Ambiental é informar a grande massa a respeito dos acontecimentos ambientais do mundo.

O Jornalismo Ambiental não possui seu significado apenas destinado a um conceito. Girardi et al. (2013) realizam apontamentos que diferem o Jornalismo de/sobre meio ambiente do Jornalismo Ambiental:

O jornalismo sobre/de meio ambiente discute os temas ambientais de maneira superficial e “imparcial”, como se tal imparcialidade existisse. Muitas vezes, a noção de ambiente é bastante restrita nas matérias, além de apresentarem um viés econômico e político, não relacionando os aspectos ambientais e não dando voz às diferentes vozes. Já o Jornalismo Ambiental adota como preceitos a visão sistêmica e mostra a complexidade dos eventos, é polifônico e foge de abordagens reducionistas. (p. 3)

¹⁶ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/internacionaliza%C3%A7%C3%A3o-da-amaz%C3%B4nia-entenda-os-limites-do-debate/a-50688888>.

Cabe citar também que os termos Comunicação Ambiental e do Jornalismo Ambiental são divergentes em alguns pontos: a Comunicação é uma das provedoras da causa ambiental a partir de um trabalho realizado por um sistema de produção, seja particular ou coletivo, que pode ser executado por qualquer profissional de qualquer área. Como salienta Bueno (2008, p. 6), a Comunicação Ambiental “assume um agrupamento de ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/promoção da causa ambiental”.

Em paralelo, o Jornalismo Ambiental tem seu conteúdo realizado pelo profissional jornalista, que faz publicações em meios midiáticos para veículos de comunicação - imprensa geral ou especializada. Segundo Loose (2008), a função do jornalista nesta área de atuação é mostrar para os mais diversos públicos que consomem informação - via internet, televisão, rádio ou jornal - as ações que envolvem a preservação ou degradação ambiental.

A Comunicação Ambiental, em síntese, é definida pelo ato da divulgação sobre o meio ambiente e, como citado anteriormente, qualquer profissional poderá realizar esta ação, seja o próprio jornalista, um sociólogo, um engenheiro ou um médico. Para Bueno (2008), a Comunicação Ambiental possui duas principais distinções do Jornalismo Ambiental. O primeiro ponto é o compromisso com a contemporaneidade, que não precisa ser existente nesta área. Como exemplo pode-se citar a publicação de uma coletânea de livros sobre a história da agricultura, que envolve índices dos anos 1960 até momento presente. O segundo ponto de distinção são os formatos de divulgação: na Comunicação eles não se restringem somente a mídia, podendo incluir campanhas publicitárias, palestras e protestos.

Já o Jornalismo Ambiental, segundo Bueno (2008), contempla as mais diversas mídias e caracteriza-se pela atualidade do assunto e a periodicidade. Muitas são as funções desta área do Jornalismo, a principal sendo a *função informativa*. No entanto, por comunicar ao cidadão a questão ambiental, considerando impactos (hábitos de consumo), processos (poluição, efeito estufa, falta de água) e modelos (vangloriando o desenvolvimento), ele também possui uma *função pedagógica*. Por último, o Jornalismo Ambiental engloba uma *função política*, por indicar as causas e soluções para os problemas ambientais como uma forma de mobilizar o cidadão a mostrar seus interesses em relação a fatores que condicionam um agravamento ambiental. Nas palavras de Bueno (2008, p. 36), “incluem-se, entre esses interesses, a ação de

determinadas empresas e setores, que recorrentemente, têm penalizado o meio ambiente para favorecer seus negócios”.

Para entender melhor a consolidação do Jornalismo Ambiental, fala-se de história. Com o surgimento da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, (SBPC) em 1948, e a fundação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), nos anos 70, foram impulsionados a divulgação científica com temáticas ambientais e a publicações de artigos. Adiante, em 1989, ocorreu o Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente, realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Para (BARROS e LIMA, 2012), este evento foi a real consolidação da atuação do jornalista ambiental, junto à cobertura do evento da Conferência Rio 92¹⁷.

Com a realização do seminário, que contava com aproximadamente 60 jornalistas brasileiros, vários atuantes da profissão se inspiraram e formaram núcleos regionais para interessados na área ambiental. O Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ-RS), que atua até hoje, é um dos mais importantes entre estes grupos. Isso porque é utilizado como plataforma da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, que promove os congressos brasileiros da área e também os encontros nacionais de pesquisadores em Jornalismo Ambiental (ENCONTRO NACIONAL..., 2014, 2016).

Uma nova geração de profissionais está encontrando um espaço na área, na qual há a busca de menos conflitos e mais reconhecimento. Porém, para o Jornalismo Ambiental, os desafios surgem de inúmeras maneiras.

Um dos maiores desafios dos jornalistas interessados nos assuntos ambientais é dar visibilidade na grande mídia aos diagnósticos que apontam os atuais meios de produção e de consumo como os grandes vilões ambientais da atualidade. (TRIGUEIRO, 2005, p. 295)

Os jornalistas ambientais possuem a responsabilidade de “aprofundamento dos debates, na fiscalização da ação dos agentes sociais (governo, comunidade e empresas) e, naturalmente, na definição de políticas para o setor ambiental, que

¹⁷Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida por Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro (RJ) entre os dias 3 e 14 de junho de 1992. O evento contou com a presença de representantes de 172 países e 108 chefes de estado e é até hoje considerado o maior encontro político já realizado pela ONU.

ameaçam empresas que agem contra a sustentabilidade”, como afirma o ex-presidente da FENAJ, Armando Rollemberg, no Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente (1989, p. 1).

A prática questiona os atos contrários a sustentabilidade por partes determinadas das instituições. Matérias que denunciam empresas pela devastação ao meio ambiente¹⁸ são conteúdo de interesse público e visam informar a sociedade dos danos que tais atividades comerciais acarretam à natureza. Assim, o jornalista precisa ter uma postura crítica acima de tudo, mas proporcionando e executando o exercício da cidadania.

Cabe ressaltar que os portais *UOL* e *Globo Rural*, estudados neste trabalho, são portais que especificamente o Jornalismo Ambiental. O *UOL* é um meio midiático generalista que aborda temas gerais: quando há pautas sobre meio ambiente, estas são breves e não aprofundadas. O *Globo Rural* possui o diferencial de ser voltado para um público específico, ligado ao produtor rural, ao homem do campo. No entanto, a temática da agricultura ambiental neste portal também se torna escassa.

Portanto, o aporte teórico do Jornalismo Ambiental tensiona o Jornalismo sobre meio ambiente praticado em outros espaços, tanto de veículos com materiais de interesse geral quanto de mídias especializadas.

6. ANÁLISE DO DISCURSO E ENQUADRAMENTO DISCURSIVO

Para compreender o conceito de Análise de Discurso (AD), é preciso compreender o objetivo desta análise: o discurso. Em síntese, esse termo é definido como a construção da linguística que está envolvida ao contexto social ligado ao texto. A AD torna-se mais que uma análise textual, pois o contexto político-sócio-cultural de um discurso é incluso no discurso, de acordo com o que o autor vive.

Michel Pêcheux (1938-1983), apresenta a análise de discurso na França. Esta teoriza a linguagem materializada na ideologia, que conseqüentemente se manifesta no discurso. O autor entende o discurso não apenas como efeito de sentidos, mas também como o lugar onde ocorre. No processo de interlocução, existe a constituição dos sujeitos (PÊCHEUX, 1998).

¹⁸ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/coca-pepsi-e-nestle-sao-as-maiores-produtoras-de-lixo-plastico-do-mundo/>.

A Análise do Discurso francesa possui a necessidade de compreensão do estudo da língua pelos pressupostos.

A análise de discurso francesa se constitui como uma disciplina de confluência, uma vez que se inscreve em um lugar em que se juntam três regiões de conhecimentos, quais sejam o histórico, como uma teoria das formações sociais, inclui-se então a ideologia; a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; e por fim, a teoria do discurso, como determinação histórica dos processos semânticos. Não deixando de lado que todos esses elementos estão permeados por uma teoria não subjetiva do sujeito de ordem psicanalítica, uma vez que o sujeito é afetado pelo inconsciente. Na teoria discursiva, os conceitos de história, língua, ideologia e inconsciente deixam de ter a formulação de origem ganhando novas dimensões e formulações nas redes discursivas. Neste ponto de vista, a análise de discurso jamais seria um instrumento para a explicação simples de textos ou a aplicação modelar de uma teoria. (BRASIL, 2014, p.172-173)

Para Foucault (1996, p.10-11), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Essa prática discursiva resume-se em uma análise do contexto, envolvendo a estrutura discursiva, o espaço e o momento cronológico. Foucault, na obra *Ordem do Discurso* (1996), descreve o discurso como uma construção de atributos derivadas da sociedade. Para o pesquisador francês, a sociedade é promotora do contexto do discurso a ser analisado. Além do mais, para Foucault, o discurso surge de práticas de um conjunto de situações internas e externas, as quais se referem à posição de um sujeito.

Por sistema de formação, é preciso, pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal ou qual conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 1995, p. 82)

As concepções de inter e intradiscurso elaboradas por Pêcheux (1995) e desenvolvidas por alguns autores brasileiros, como Orlandi (2009), oferecem a noção de interdiscursividade: um discurso sempre é vinculado a outros, o que constitui uma conexão entre o já dito e o não dito. Orlandi observa as propriedades internas ao processo discursivo: a produção, modo de funcionamento e as formações discursivas.

Sobre interdiscurso, Schwaab; Zamin (2014) entendem o conceito como a associação com o que a memória discursiva determina como elementos do saber. Desta forma, ao pensar o discurso jornalístico, a contribuição da AD aconteceria no entendimento de que o mesmo se articula “como formador de redes interdiscursivas, por meio de retomadas, réplicas, atualizações e deslocamentos de outros tantos já ditos, de dizeres oriundos de campos diversos” (SCHWAAB & ZAMIN, 2014, p. 5).

Ademais, a observação das condições de produção de discurso, segundo Orlandi (2000), é fundamentalmente compreendida por mecanismos em que o discurso e a memória são tratadas como interdiscurso. Tal ferramenta faz com que os acontecimentos históricos se tornem aptos ao maior entendimento de uma memória. Ainda, para a autora, há uma relação de sentidos na produção dos discursos: não há discurso que não se assemelhe com o outro. Assim, não havendo um começo e nem um ponto final, todo discurso possui relação com outros dizeres possivelmente imaginados ou realizados. Para Pêcheux, segundo Moraes (2015, p. 92):

As condições de produção do discurso foram destacadas como a ligação das circunstâncias de um discurso e seu processo de produção, que devem ser levadas em conta e procuram suplantar a ideia de contexto e situação apontados pela linguística, pois são condições marcadas pela história e pela ideologia.

Como refere-se Orlandi (1988, p. 9), “a significação se dá no espaço discursivo criado pelos/nós dois interlocutores”. Assim, pode-se apontar que o discurso só existe entre sujeitos. Desta forma, a noção de sujeito é fundamental. Entretanto, ao mesmo tempo, a AD retira o sujeito do centro do poder para “integrá-lo no funcionamento dos enunciados, dos textos, cujas condições de possibilidades são sistematicamente articuladas sobre formações ideológicas” (ORLANDI, 1988, p. 10). Sintetizando, o sujeito tem um poder de expressão relativo, pois está submetido a regras que lhe são exteriores e anteriores. Dessa maneira, esse sujeito não possui domínio total sobre o que diz.

Nessas delimitações sobre discurso, a oferta de sentido está relacionada à seleção de um enquadramento. Isso pressupõe a exclusão de outros sentidos, isto é, ao se posicionar em relação aos acontecimentos há sempre algo que é deixado de lado (MORAES, 2015). Cláudia Moraes (2015) aponta a ideia de enquadramento para as reflexões sobre as possibilidades de construção dos acontecimentos jornalísticos. O enquadramento é um “processo no qual as interpretações, construídas

simbolicamente pelo campo jornalístico, organiza discursivamente o conhecimento sobre o acontecimento, com marcas de seleção, ângulo e ênfase” (MORAES, 2015, p. 101).

Para a autora, as angulações do discurso são nítidas ao ser observado o conteúdo da reportagem:

O enquadramento discursivo se caracteriza pela relação entre condições de produção, formações discursivas e interdiscurso, que abarcam, em nossa concepção, as definições dos jornalistas quanto ao reconhecimento dos fatos notáveis e seus relatos, a partir das noções de agendamento, noticiabilidade e enquadramento. (MORAES, 2015, p.179 -180)

A partir desse parágrafo, vale ressaltar que, com base nas considerações apresentadas até este ponto, os princípios descritos sobre a AD serão as bases deste trabalho. Destaca-se ainda a necessidade de esclarecer brevemente algumas questões relacionadas às condições de produção dos discursos analisados dos portais *UOL* e *Globo Rural*.

6.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DISCURSIVA NO PORTAL *UOL*

A plataforma de informação *UOL* é conglomerada ao *Grupo Folha* e se autodenomina como “a maior empresa brasileira de conteúdo, serviços digitais e tecnologia com vários canais de jornalismo e diversas soluções para você ou seu negócio”¹⁹. São mais de 4,5 milhões de acessos a *homepage* diariamente e, por mês, o total somado chega 1 bilhão de views.

Em razão as condições de produção do discurso, no caso do portal de notícias *UOL* é possível considerar o contexto imediato (o qual é proferido no momento) e o contexto sócio-histórico (pré-construído por alguém, algo já pensado ou dito). O portal tem como missão ser informativo, apresentando conteúdo factual baseado no que está acontecendo no mundo inteiro, com o intuito de abranger um grande público. O sentido de cada enunciado deste portal também está sob determinadas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que elas são reproduzidas.

¹⁹ Disponível em: http://download.uol.com.br/publicidade/defesa_uol_site.ppt.

6.2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DISCURSIVA NO PORTAL GLOBO RURAL

A plataforma *Globo Rural* pertence ao *Grupo Globo*, responsável pelo maior conglomerado brasileiro de mídia e comunicação. A *Rede Globo* é a principal empresa do grupo, que conta ainda com o *Sistema Globo de Rádio*, *Globosat*, *Infoglobo*, *Editora Globo*, *Globo.com*, *Som Livre* e *Zap Imóveis*²⁰.

A *Globo*, em relação ao mundo do agronegócio e ao meio ambiente, esteve presente. Depois da criação do programa televisivo *Globo Rural*, em 1985, a adaptação do conteúdo para o meio impresso veio logo em seguida, com a revista que foi lançada pela *Editora Globo* e acabou desbancando a *Editora Abril* que, até então, era a principal da época (FELIPPI, 2000). Ademais, a *Rede Globo* possui o projeto *Agro: a Indústria-Riqueza do Brasil*, que é uma iniciativa do diretor de marketing da *TV Globo*. Nele, comerciais são reproduzidos pela televisão com o objetivo de ligar o agronegócio à sociedade, mostrando os feitos realizados pela área. Já na questão ambiental, a *Rede Globo* possuía o programa *Globo Ecologia*, que abordava assuntos de educação ambiental e era realizado em conjunto com pesquisas da *Fundação Roberto Marinho*.

A *Rede Globo* também veicula vídeos curtos no chamado *Globo Natureza*, que mostra conteúdos voltados a divulgação da flora e fauna silvestre ameaçadas de extinção. Além desses programas, reportagens exclusivas da temática tiveram destaques no *Globo Repórter*, que realizou matérias sobre a Amazônia, o Cerrado e os animais selvagens do país.

O *Globo Rural*, em específico, possui um discurso voltado para o agricultor que trabalha com o agronegócio e tem interesse em temas relacionados à capitalização de produção. As condições de produção do discurso do portal *Globo Rural* podem ser encaradas sobre a perspectiva do contexto imediato e histórico-social. Isso porque, ao tratar do sistema agro, abordam-se também relações já reconhecidas de um tempo passado em que a produção de sentido estava entrelaçada aos interdiscursos produzidos neste cenário.

²⁰ Disponível em: <https://grupoglobo.globo.com/>.

7. PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este trabalho realizou a análise em duas etapas. A primeira consistiu na busca pelas reportagens que seriam o *corpus* do estudo nos portais *UOL* e *Globo Rural*. Para a captação e seleção do material, a autora utilizou a palavra-chave *agropecuária*. Após a coleta das reportagens, foi realizada a leitura das mesmas e selecionadas as SD's (sequências discursivas) para análise, que foram classificadas em cinco categorias, de acordo com o sentido de cada uma: *Agronegócio é bom*; *Ameaças à pecuária*; *Soberania e Equilíbrio nacional*; *Alerta de prejuízos*; e *Animal: a mercadoria*.

Para fins metodológicos, Benetti (2008, p. 113) denomina sequência discursiva (SD) “o trecho que arbitrariamente recortamos para análise e depois utilizamos no relato de pesquisa”. Desse modo, a sequência discursiva serve para o entendimento do sentido contido em um discurso. Procura-se, então, observar como as plataformas *UOL* e *Globo Rural* abordam discursivamente o tema da agropecuária na Amazônia.

A segunda etapa do estudo foi a análise discursiva das SD's, considerando determinar, antes de tudo, o sentido que cada uma delas encerra em si. As considerações foram realizadas de acordo com as teorias da análise do discurso, já abordadas neste trabalho. No *corpus*, serão trazidas sequências discursivas (SD) consideradas representativas do material analisado. As sequências foram numeradas em ordem cronológica e aqui estão diferenciadas indicando-se (SDU) para material do *Portal UOL*, e G (SDG) quando relacionadas à sequência discursiva do *Globo Rural*.

O próximo passo será a discussão dos sentidos encontrados nos portais, mapeados conforme descrito acima. Todas as reportagens analisadas e seus *links* estão no Apêndice A e B, enquanto que as Sequências Discursivas estão disponíveis no Apêndice C e D

7.1 SENTIDO “O AGRONEGÓCIO É BOM”

Esse sentido, intitulado “*o agronegócio é bom*”, foi encontrado na grande maioria dos textos analisados. Ele remete à satisfação e ao bom desempenho do agronegócio, seja para a economia (relações com percentuais, números do PIB, dinheiro), para o governo (o Estado), para as empresas (multinacionais e empresas conhecidas) ou para o sujeito (a pessoa a qual refere-se a sequência discursiva).

As SD's encontradas no site *UOL* tinham como sinônimo deste sentido o desenvolvimento econômico. Percentuais e diversas informações em relação ao crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) foram os dados mais recorrentes nas reportagens. Além disso, observa-se que países internacionais que importam do Brasil foram os principais responsáveis pela visão otimista sobre o agronegócio, sustentada por esses meios midiáticos. Um exemplo dessa afirmação é a relação do país com a China, no de 2019 foi um dos maiores compradores de carne bovina.

(SDU 23) O Valor Bruto da Produção (VBP) pecuária do Brasil deve alcançar 234,5 bilhões de reais em 2019, **um crescimento de 7,2% se comparado ao ano passado, com impulso da demanda da China pelas carnes brasileiras**, apontou nesta segunda-feira pesquisa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). (grifo da autora)

De acordo com a Análise do Discurso (AD), o contexto do ambiente tem uma importância para compreensão da estrutura discursiva. Assim, conforme Orlandi (2009), o discurso é uma conexão do já dito. É aceitável, nesse sentido, considerar o contexto de produção e funcionamento da SD mencionada. De fato, a atividade agropecuária no país é exaltada pelo grande potencial de crescimento. Neste discurso, importa tratar do território nacional como vasto, com meios a serem explorados. Como resultados, tem-se o aumento da produtividade e, conseqüentemente, da economia.

Ainda destacando o crescimento do PIB graças ao agronegócio, trechos enaltecendo a atividade no país são os mais comuns, principalmente passagens que remetem ao agronegócio como atividade inofensiva

(SDU25) Historicamente, o agronegócio é responsável por um quinto do PIB nacional. **“O PIB do agronegócio vai puxar o crescimento do PIB nacional”**, ressaltou o presidente do Ipea Carlos von Doellinger, em seminário sobre o agronegócio, em Brasília. (grifo da autora)

Em relação ao portal *Globo Rural*, as SD's deste sentido não divergem muito do *UOL*: apresentam o reconhecimento da atividade agropecuária no país, creditando a ela as oportunidades de empregos e enriquecimento.

(SDG8) a Agropecuária brasileira encerrou o mês de janeiro com saldo positivo de 8,328 mil empregos com carteira assinada...Com o resultado, **a agropecuária foi o terceiro maior gerador de empregos no mês passado**” (grifo da autora)

(SDG21) O setor agropecuário contribuiu com 70% do faturamento com exportações do Estado de Santa Catarina no primeiro semestre do ano. A informação é da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural. (grifo da autora)

7.2 SENTIDO “AMEAÇAS À PECUÁRIA”

O sentido que engloba a perspectiva do pessimismo nas SD's coletadas é inverso do otimismo. Portanto, ele remete à decepção, preocupação e desapontamento, seja para a economia (relações com percentuais, números do PIB, dinheiro), para o governo (o Estado), para as empresas (multinacionais e empresas conhecidas) ou para o sujeito (a pessoa a qual refere-se a sequência discursiva).

No *UOL*, o pessimismo se relaciona à preocupação pelo risco de doenças de animais. Um exemplo é a peste suína africana, uma doença contagiosa que não acomete o homem.

(SDU8) A economia brasileira já começa a sentir os primeiros impactos da Peste Suína Africana (PSA), que desde agosto de 2018 obrigou a China a sacrificar entre 150 e 200 milhões de suínos e **pode derrubar em 35% a produção de carne de porco do maior produtor e consumidor mundial dessa proteína.** (grifo da autora)

O surto de doenças entre os animais é considerado um dos motivos de pessimismo mais frequentes nas reportagens de *Ameaça à agropecuária*. Os surtos de salmonela, doença da vaca louca, gripe aviária e peste suína africana destacaram-se como principais temáticas das reportagens, por interferir no crescimento da economia nos países.

(SD10) O preço do frango subiu, mas em função do surto de salmonela que atingiu aviários de matrizes no ano passado. Os produtores de pintinhos foram obrigados a antecipar o descarte de matrizes e, com a redução na oferta, **tivemos queda na produção de frangos.** (grifo da autora)

Já no *Globo Rural*, a ideia central de pessimismo é a mesma do *UOL*. Entretanto, neste portal são mais abordados os problemas econômicos, citando países e acordos, e não doenças que afetam a pecuária.

(SDG14) Ao longo do ano, os preços na pecuária **poderão ser afetados pelos desdobramentos da disputa comercial entre os Estados Unidos e a China, e dos efeitos da peste suína africana no continente asiático.** (grifo da autora)

(SDG16) As relações do Brasil com mercados importantes para o agronegócio **passou por momentos de incerteza com o novo governo**. A maior aproximação com Israel, por exemplo trouxe um temo, especialmente na indústria de carnes, de que **a reação do mundo árabe poderia ser negativa, com efeito nas exportações brasileiras**. (grifo da autora)

7.3 SENTIDO “PREJUÍZO AMBIENTAL”

O sentido de prejuízo ambiental pode ser considerado como um dos mais importantes, pois remete a danos ocasionados ao meio ambiente de forma geral, independente da região geográfica. Ele pode ser reconhecido em trechos que citam questões como queimadas, desflorestamento, secas, entre outras.

Cabem aqui as reflexões do político equatoriano Alberto Acosta, escritor da obra *Bem Viver: Uma Oportunidade para Imaginar Novos Mundos* (2016), que aborda uma proposta ao capitalismo e mudanças socioambientais. O Bem Viver é um conceito de origem indígena sul-americano, tratado como filosofia. Esta noção propõe um ordenamento social, vinculado aos vieses da política e economia, a começar pelo conceito de desenvolvimento. A vida em pequena escala, sustentável e consciente é o assunto estudado na obra: este estilo pode resultar em uma vida digna para todas as espécies.

O capitalismo, demonstrando seu assombroso e perverso engenho para buscar e encontrar novos espaços de exploração, está colonizando o clima. Este neoliberalismo extremo, do qual não se libertaram os governos “progressistas” da América Latina, converte a capacidade de uso da Mãe Terra em um negócio para reciclar carbono. E – o que é preocupante – a atmosfera é transformada cada vez mais em uma nova mercadoria, projetada, regulada e administrada pelos mesmos atores que provocaram a crise climática e que recebem agora subsídios dos governos por meio de um complexo sistema financeiro e político. (ACOSTA, 2016, p. 208)

Assim, para as SDs nesse sentido, foram encontrados, na maioria, percentuais ligados ao desmatamento. Vale destacar que esses números não eram necessariamente associados ao ano de 2019, mas sim comparados a anos anteriores a ele.

(SDU3) De acordo com dados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), do Inpe, **entre agosto de 2017 e julho de 2018 houve um aumento de 13,7% no desmatamento da Amazônia**. (grifo da autora)

Ainda, pode-se considerar a questão do impacto ambiental causado pela carne, que é real e pouco abordado pela mídia. Em 2017, o IBGE (Instituto de Geografia e

Estatística) atualizou dados sobre esse tema. As novas informações apontavam que havia mais gado que pessoas: existiam 218,2 milhões de cabeças para 208,2 milhões de pessoas no território nacional. Exatamente 1 boi para cada pessoa, com sobra de 10 milhões.

(SDU17) O rebanho bovino do Brasil caiu 0,7% em 2018, na comparação com 2017, na esteira de um recorde na exportação de carne no ano passado, mas **o país ainda tem mais boi e vacas do que gente.** (grifo da autora)

Na captação de sentidos do *Globo Rural* por prejuízo ambiental observou-se a ausência quase total de SD's a respeito. Porém, nas que apresentavam este sentido, foram destacadas questões acerca do aquecimento global. Recursos da natureza, incluindo a água, fazem parte da produtividade não somente de polos industriais, do comércio e residencial, mas também das atividades agropecuárias. Aqui, o prejuízo ambiental está associado ao impacto direto sobre o setor econômico.

(SDG11) O consumo consuntivo de recursos hídricos (que inclui o consumo de água para irrigação, uso na indústria e o abastecimento humano) no Brasil deve aumentar 24% até 2030, e a **maior contribuição proporcional é da agropecuária.** O último ano em que os dados foram coletados, **a agricultura irrigada e o abastecimento animal representaram 60% do consumo dos recursos hídricos nacionais disponíveis...** Somente a agricultura irrigada utilizou mais de 1 milhão de litros por segundo naquele ano, ou seja, **52% do total retirado.** (grifo da autora)

(SDG7) **A agricultura do Cerrado brasileiro pode ficar completamente inviável em um horizonte de 30 anos se o aquecimento global não for combatido.** (grifo da autora)

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) projeta que, devido aos hábitos humanos diários, haverá um aumento de 76% de consumo global de carne até 2050. Os prejuízos dessa ação tornam-se gigantes para o Brasil, pois teria uma maior devastação de recursos naturais.

Destaca-se que a principal área atingida pelo rebanho bovino é a Amazônia, onde os impactos ambientais são severos e atingem a biodiversidade, o solo e até as funções da floresta para ciclagem da água e armazenamento de carbono (FEARNSIDE, 2003). As florestas tropicais que fazem parte da Amazônia são vulneráveis, bem como os povos que lá habitam. Ainda, segundo Fearnside (2008, p. 6), “emissões de gases efeito estufa provocadas pela mortalidade da floresta devido à mudança de clima fazem parte de uma relação de retroalimentação positiva em potencial que conduz a cada vez mais aquecimento e mais mortalidade”.

7.4 SENTIDO “SOBERANIA E EQUILÍBRIO COMERCIAL”

Este sentido traduz-se nas falas em que representantes do governo (Presidente, governadores, senadores, prefeitos) abordam temas que se relacionam ao que apresenta o texto.

No *UOL*, há pouca variedade do discurso governamental, tendo o Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, como uma das principais fontes. Um exemplo a entrevista que o político concedeu uma entrevista ao *site* a respeito das metas traçadas em questão a sua pasta.

(SDU13) O que precisa ter são atividades equilibradas, sustentáveis, e que obedeçam as melhores práticas de cuidados ambientais. Para isso que existe o licenciamento.” Diz o Ministro Ricardo Salles. (grifo da autora)

A Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil, Teresa Cristina, mostrou um grande interesse no comércio interno para fortalecimento nacional. O Brasil que foi um dos grandes exportadores de carne no ano de 2019 e enfatizou a parceria comercial com os Estados Unidos.

(SDU27) A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, afirmou nesta quinta-feira, 5, que a tarefa do novo governo não é “simples nem fácil” e defendeu, que no novo projeto de governo para o Brasil, a aproximação com os Estados Unidos é “fundamental”. “Temos uma relação equilibrada em termos de trocas comerciais”, afirmou a ministra, acrescentando, contudo, que a pauta agropecuária ainda é concentrada em alguns produtos. (grifo da autora)

Além do mais, a Ministra, diante das queimadas na Amazônia, demonstrou uma postura de pouca valia a respeito da devastação que acontecia: afirmou que todo problema era exagero e não havia motivo de preocupação.

(SDU27) A ministra da Agricultura também disse que a “mídia internacional pintou a situação da Amazônia de cores irrealistas”. Segundo ela, “o problema da Amazônia existe e está sendo tratado da forma que merece”. (grifo da autora)

No *Globo Rural*, o sentido manifestou-se também nas declarações da Ministra Tereza Cristina:

(SDG10) “Não tem Estados Unidos, não tem China, não tem Mercosul, porque estamos juntos produzindo. E precisamos produzir cada vez mais barato, com competitividade, produtos de grande qualidade. Nós hoje

exportamos para mais de 190 países", **afirmou a Ministra Tereza Cristina.** (grifo da autora)

(SDG10) "A agricultura brasileira tem tudo para continuar na frente. Nós temos certeza disso. O campo se estruturou e nós vamos longe, vamos continuar incomodando muita gente." (grifo da autora)

Também o Presidente da República Jair Bolsonaro, quando abordado sobre os acontecimentos da Amazônia, expressou desaprovação diante dos pronunciamentos do presidente da França, Emmanuel Macron, e da Chanceler da Alemanha, Angela Merkel. Estes dois últimos políticos questionaram as medidas de proteção da floresta, a qual estava em grande perigo diante das queimadas.

(SDG18) Convidei ele (Macron) e a Angela Merkel para sobrevoar a Amazônia e, se encontrasse, entre Boa Vista e Manaus, um quilômetro quadrado de desmatamento, eu concordaria com eles. **Eles não têm autoridade para discutir conosco essa questão**". Discursou o Presidente Jair Bolsonaro. (grifo da autora)

7.5 SENTIDO "ALERTAS DE PREJUÍZOS"

Este sentido envolve medidas tomadas por empresas, ONG's, entidades e outras instituições diante da situação determinada no texto, isto é, de riscos ambientais.

No *UOL*, entidades como a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Ambientais) se fazem presentes, apontando dados que foram coletados a respeito da devastação em prol das atividades pecuárias.

(SDU14) Agrônomos, biólogos e entidades como a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) **alertam que a destruição da vegetação nativa e as mudanças climáticas têm grande potencial para prejudicar diretamente o agronegócio no Brasil, porque afetam diversos fatores ambientais de grande influência sobre a atividade agrícola.** (grifo da autora)

(SDU27) Apontado como última grande fronteira agropecuária da Amazônia e com grande parte de sua floresta intacta, **Roraima foi o estado que mais sofreu com a alta do desmatamento neste ano. Os responsáveis são a soja, a criação de gado e a exploração de madeira.** Entra ainda nessa conta tanto a produção legal como a grilagem e a destruição da floresta por madeireiros. **Com isso, o estado registrou alta de 279% no desmatamento entre agosto de 2018 e julho de 2019, segundo dados do sistema Prodes, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).** (grifo da autora)

No *Globo Rural*, houve apenas uma SD encontrada neste sentido. Esta faz menção à Nestlé, empresa que demonstrou grande preocupação a respeito das queimadas na Amazônia, e estava em avaliação se iria continuar a comprar produtos do país. Óleo de palma, soja, carne e cacau são exemplos de itens exportados para a empresa suíça.

(SDG22) A Nestlé está reavaliando as práticas de seus fornecedores de carne e cacau no Brasil em meio a preocupações com as queimadas na Amazônia e a possível ligação dos incêndios com a atividade agropecuária da região.

7.6 SENTIDO “ANIMAL: A MERCADORIA”

Este sentido é produzido quando os animais são encarados como forma de mercadoria. Também nessas SDs podem-se ver abordados assuntos como: sofrimento animal, problemas ambientais gerados pela pecuária, pecuária ligada ao impacto climático e pecuária ligada à devastação da Amazônia. A produção desse sentido se dá pelo cenário histórico-social em que a dominação da atividade pecuária no Brasil é associada às mudanças que foram realizadas na economia e sociedade durante as últimas décadas. Esse panorama também inclui o desenvolvimento da agricultura na humanidade, já abordado no Capítulo 2 deste trabalho. De forma simplificada, o animal tornou-se produto e o campo é o espaço de trabalho do pecuarista.

No portal *UOL*, as SD's mencionadas são referentes ao aproveitamento do gado. Para o portal, essas criações possuem o único objetivo de se transformar em produto, gerando satisfação para a espécie humana, bem como crescimento do PIB. Neste ponto, o estudo concorda com Francione (2007), que considera os animais como seres de valor intrínseco, problematizando o fato de só haver proteção acima deles quando são domesticáveis: **(SDU5) “Do boi, tudo se aproveita”** (grifo da autora), afirmou Péricles Salazar, 70, presidente da Abrafrigo, que representa os exportadores deste tipo de produto.

O estudo da associação da vida animal à mulher também é ponto forte nas sequências discursivas. O animal é objetificado de fato, o que, segundo a autora e ativista Carol Adams no seu livro *A Política Sexual da Carne: Uma Teoria Feminista-Vegetariana* (2018), relega o rótulo de materiais à vida e ao corpo dos animais. Segundo Adams, os animais usados para consumo, além de perderem o lugar na

Terra por serem destinados à indústria, perdem a identidade e se resumem à insignificância: como menciona a autora, eles são denominados como referenciais ausentes.

Os animais tornam-se não-seres não somente pela tecnologia como também por expressões inócuas como “unidade de produção de alimentos”, “coletor de proteínas”, “máquina de conversão” e “biomáquinas”. A indústria produtora de carne considera que um animal é composto de partes “comestíveis” e “não comestíveis”, que precisam ser separadas para que as últimas não contaminem as primeiras. O animal passa por uma “linha de desmontagem”, perdendo partes do corpo a cada ponto de parada. (ADAMS, 2008, p. 87)

Conforme esta vertente de pensamento, pode-se perceber que os sentidos das sequências a seguir são muito fortes, destacando-se o aspecto descartável ou utilitário dos animais, como demonstrado em: **(SDU9)** “O primeiro é próprio ciclo de produção de suínos, que é longo. **O tempo entre a gestação de uma matriz e o primeiro filhote pronto para abate é de quase um ano**” (grifo da autora) e **(SDU19)** “Então, em alguns anos, principalmente devido ao preço do bezerro e ao preço da arroba, **começa um descarte maior de fêmeas**”. (grifo da autora)

Adams se mune de argumentos que mostram que as mulheres, como os animais, é símbolo de objeto e alimento. A ligação entre esses dois grupos é decorrente da objetificação sofrida pelo gênero feminino: muitas mulheres são tratadas como pedaços de carne, em decorrência da cultura global. Elas, portanto, tornam-se referenciais ausentes e são vistas como corpos a serem consumidos, usados por publicidades e submetidas a outros modos de exposição. A obra de Adams mostra como os animais são consumidos e estende essa visão de mercadoria às mulheres, que também são objetos de consumo “através de acesso sexual de seus corpos estupráveis” (LESSA, 2014).

Nas SD's do *Globo Rural* a história se repete, minimizando os animais a peças do domínio humano para lucratividade. Esses trechos são constantes nas matérias e a normalização da abordagem do animal como um produto é usual no portal.

(SDG3) Esse animal se transforma em material de consumo e vai para o abate. Ou, em dado momento, você tem excesso de animais gordos para o mercado e para reduzir a oferta de bezerros aumenta-se o abate de vacas. (grifo da autora)

(SDG4) Ainda de acordo com o especialista, quem "manda" no mercado da carne é a fêmea, pois ela tem dupla função: ser um bem de consumo ou um bem patrimonial para produzir bezerros. (grifo da autora)

(SDG9) Houve um incremento de 650 animais na capacidade diária de

abate, entre este mês e dezembro de 2018, **para 7,08 mil cabeças**. (grifo da autora)

Os pontos marcantes dessas SD's, de fato, decorrem da clareza quanto à exploração, associada aqui tanto ao sexo feminino tanto quanto aos animais. Observe-se: o tráfico de pessoas tem como principais vítimas as mulheres, que são destinadas à escravidão sexual ou à indústria pornográfica e turismo sexual. Além do mais, as mulheres são submetidas a regras ditadas por homens, que exigem subordinação. No caso do mundo animal, as vítimas fêmeas, em especial vacas e galinhas, são exploradas diversificadamente. Na maioria das vezes, esses animais são subjugados como proteína de consumo humano. As vacas ficam prenhas como artifício para produção de leite, que não é destinado aos bezerros, e sim para o consumo humano, para as prateleiras de supermercado. Após esgotar-se, o animal é relegado aos frigoríficos, vendido como carne de segunda mão.

8. DISCURSO DO UOL VERSUS DISCURSO GLOBO RURAL

Com base nas análises realizadas dos portais *Globo Rural* e *UOL* foi possível identificar as SD's de cada matéria e o sentido que elas ofereciam. Cada portal, diante dos sentidos determinados, remeteu o discurso voltado às condições de produção do mesmo, o que já foi discutido neste trabalho. Assim, de modo geral, os assuntos decorrentes das matérias foram categorizados por trimestres ao longo deste estudo. O intuito dessa divisão é possibilitar a associação de cada assunto veiculado ao cenário em que o Brasil se encontrava no momento da matéria.

No *Globo Rural*, de janeiro a março, foram apresentadas matérias de: previsão do PIB para o ano; interesse de países orientais para aumento da demanda de exportação de *commodities*; preocupação do produtor rural em relação a sua propriedade; maus-tratos aos jumentos; caso da ocupação do Cerrado para produção agropecuária; dados sobre como a atividade agropecuária se destaca na geração de empregos em 2018.

Já dos meses de abril a junho, os assuntos versaram sobre: a questão da água utilizada para agropecuária; acordos internacionais; doença da Peste Suína; previsões do crescimento do agronegócio; preço do boi oscilando em consequência da temporada da chuva; a visita da Ministra Tereza Cristina aos países, em busca de acordos; doença da Vaca Louca; fiscalização de frigoríficos brasileiros por outros

países; e depoimento de outros ministros em relação ao crescimento do agronegócio no país.

Para os meses de julho a setembro, os assuntos do *Globo Rural* associados à agropecuária eram: a Crítica do presidente em relação à governantes de outros países que se posicionaram acerca das queimadas da Amazônia; inúmeros dados em relação à exportação de produtos agrícolas; o crescimento do número do PIB em contraposição à baixa estimativa do mesmo. De outubro a dezembro, o portal fechou o semestre com assuntos associados à questão da Carne Fraca e ao grande aumento da exportação de carne suína para países orientais.

O *Globo Rural* manteve o assunto agropecuário como destaque no ano de 2019: grandes reportagens foram apresentadas, incluindo entrevistas de ministros e autoridades legais. Outro ponto importante ao analisar as matérias para este trabalho foi reconhecer a invisibilidade dada à ligação entre a pecuária e a Amazônia, principalmente nos meses em que as queimadas obtiveram grande cobertura da imprensa.

O portal *UOL* mencionou diversos assuntos que o *Globo Rural* já havia abordado em suas reportagens, como a busca internacional de aliados para expansão das atividades pecuárias no Brasil, Peste Suína e menções dos ministros em relação à economia.

De janeiro a março no *UOL*, os assuntos abordados foram: ocupação de terras indígenas; exportação de carne para China; e a exploração da Amazônia Brasileira, além de temas mencionados no *Globo Rural*, como Peste Suína, expectativa do PIB e discursos do governo.

Nos meses de abril a junho no *UOL*, houve uma abordagem mais profunda da situação da Peste Suína, bem como matérias sobre a importância da exportação de carne brasileira para os países de interesse e também o posicionamento do Ministério do Meio Ambiente em relação à imagem ambiental do Brasil. Salienta-se aqui os meses de julho a setembro, os quais foram dedicados exclusivamente a matérias sobre as questões da Floresta Amazônica. Estas reportagens exploravam, a partir de um panorama geral, a economia, a cultura e o território da região. Também nesse período foram apresentadas matérias contendo depoimentos dos governos internacionais, que possuem interesse na Amazônia por usufruírem dela, seja por grãos ou carne.

Finalizando o ano, o último semestre de 2019 para o *UOL* trouxe reportagens sobre: O balanço da China (maior importadora de carne bovina do Brasil) e do próprio país exportador (que aumentou a demanda da produção, resultando em um valor elevado do produto nos supermercados), além das perspectivas da Peste Suína para os meses seguintes.

O *UOL*, por ser um meio de comunicação generalista (voltada a todos os tipos de conteúdos), abordou em suas matérias os lados negativos e positivos em relação ao ano de 2019. A questão da agropecuária ligada à Amazônia também foi invisibilizada: o método *UOL* se coloca como imparcial acerca desse assunto, não se afirmando contra ou a favor das atividades de produção agropecuárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finaliza-se este trabalho com algumas afirmações provenientes da análise realizada, a começar pela prática de Jornalismo Ambiental nos portais *UOL* e *Globo Rural*. É possível afirmar que houve cobertura em ambos os portais, com ênfase nas tomadas de decisões dos novos ministros das pastas da Agricultura e do Meio Ambiente. Também foram abordadas as queimadas na Amazônia, ocorridas no segundo semestre do ano de 2019. Esse assunto teve notoriedade nos países que possuíam interesses na exploração das florestas.

As SD's de "*O agronegócio é bom*" foram ligadas ao crescimento econômico gerado pela atividade, mostrando números em uma crescente disparada. O ano de 2019 trouxe para o país novos acordos internacionais que aumentaram a exportação consideravelmente. Em "*Ameaças à agropecuária*", as SD's foram relacionadas aos déficits do agronegócio, às falhas que sistema apresentou, como o surto de Peste Suína. A doença foi responsável pelo adoecimento de animais: muitos trouxeram prejuízo aos agricultores

O cenário das SD's de "*Prejuízo ambiental*", contextualizou o desmatamento e a questão da escassez de recursos hídricos, além de apresentar vagamente os males da pecuária para a Amazônia e o Cerrado. Em complemento, diante das SD's de "Soberania e equilíbrio comercial" e "Alerta de prejuízos", abordou-se o discurso acerca da potência nacional: o Brasil alcançou alguns degraus rumo a uma economia crescente, sem, no entanto, demonstrar igual responsabilidade ambiental. Observou-se que agronegócio obteve lucro, pois o país é realmente destaque nesta atividade.

No último sentido analisado, “*Animal: a mercadoria*”, foi possível entender melhor a relação do homem com a carne - principalmente a bovina -. Esta atividade produtiva ocasiona a derrubada de madeira em grande escala, os conflitos de terra, além da decadência da qualidade de vida da população da Amazônia e do Cerrado.

Conclui-se esse trabalho afirmando que o governo brasileiro não teve responsabilidade ambiental ao longo de 2019 e segue esta linha em 2020, ano em que o país e o mundo vivenciam um cenário pandêmico. Mais de 6 milhões de pessoas já contraíram o COVID-19, o acontecimento de doenças afetará cada vez mais o planeta se não houver mudança da relação humana com a Natureza.

Nesta perspectiva, o panorama do Ministério do Meio Ambiente envolve uma gestão em que as irresponsabilidades se tornaram cotidianas. O ministro Ricardo Salles, durante uma reunião realizada em 22 de abril de 2020, declarou que a pandemia do Coronavírus seria uma “oportunidade” para “ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas (ambientais) [...] de baciada”. Além do mais, o ministro falou que, pela imprensa estar focada na cobertura do vírus, haveria a possibilidade de “passar as reformas infralegais de desregulamentação²¹”.

O debate em relação ao Jornalismo Ambiental e as matérias que abordam a agropecuária como atividade prioritária no Brasil (para a qual se utilizam os recursos naturais), sua relação com a questão amazônica, é pouco disseminado, e pouco incluso na análise. Em um país onde a agropecuária é colocada como amplo lucro para a economia, a midiaticização dos malefícios da criação de gado não se coloca como interesse para portais convencionais. Respondendo ao objetivo final, compreendemos que os discursos foram construídos de forma essencialmente econômica, enfatizando benefícios ou alertando prejuízos. Não há a discussão sobre a relação desta indústria com a temática das mudanças climáticas, outro silenciamento evidente na cobertura analisada do ano de 2019.

²¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-22/salles-ve-oportunidade-com-coronavirus-para-passar-de-boiada-desregulacao-da-protecao-ao-meio-ambiente.html>.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Bixiga – SP: Elefante, 2016.

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana**. São Paulo – SP: Alaúde Editorial, 2018.

ALMEIDA, Domingos PF. **Apontamentos de produção agrícola**. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2004.

BARROS, Antonio Teixeira; LIMA, Maria Érica de Oliveira. A eficácia do jornalismo ambiental: dinâmicas e possibilidades. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: SBPJor, 2012.

BARROS, Henrique de. **Os grandes sistemas de organização da economia agrícola**. 1. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1975.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 6, n. 2, p. jul./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656/3817>. Acesso em: 02 ago. 2019.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem: estudos e pesquisas**, v. 15, n. 1, p. 171-182, jan./jun. 2011.

BUENO, Wilson. Jornalismo Ambiental: Explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges (Org.). **Jornalismo Ambiental: Desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008. p. 105-118.

CARNEIRO FILHO, Arnaldo; SOUZA, Oswaldo Braga de. **Atlas de pressões e ameaças às terras indígenas na Amazônia brasileira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009.

DE ANDRADES, Thiago Oliveira; GANIMI, Rosângela Nasser. Revolução verde e a apropriação capitalista. **CES Revista**, v. 21, p. 43-56, 2007.

DIEHL, Robert. **Agricultura geral**. Lisboa: Clássica Editora, 1984.

FEARNSIDE, Philip Martin. **A floresta amazônica nas mudanças globais**. Manaus: INPA, 2003. 134 p.

FEARNSIDE, Philip Martin. As mudanças climáticas globais e a floresta amazônica. In: BUCKERIDGE, Marcos Silveira (Ed.). **Biologia e Mudanças Climáticas no Brasil**. São Paulo – SP: RiMa Editora, 2008. p. 131-150.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Vozes e sentidos no Jornalismo Rural: o funcionamento discursivo do telejornal “Notícias”, do Canal Rural.** 2000.150f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso.** São Paulo – SP: Edições Loyola, 1996.
FRANCIONE, Gary L. Animais como propriedade. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 2, n. 3, p. 13-15, 2007.

GALHARTE, Caroline A.; CRESTANA, Silvio. Avaliação do impacto ambiental da integração lavoura-pecuária: aspecto conservação ambiental no Cerrado. **Rev. Bras. Eng. Agríc. Ambient.**, Campina Grande, v. 14, n. 11, p. 1202-1209, nov. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbeaa/v14n11/v14n11a10.pdf>. Acesso em 16 de setembro de 2019.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho *et al.* A pesquisa em Jornalismo Ambiental na região Sul do Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE JORNALISMO – SBPJor. 11., 2013, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: SBPJor, p. 3, 2013.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Claudia Herte de. Jornalismo e mudanças climáticas: reflexões a partir da ótica do jornalismo ambiental. In: REYES, FR. & MANCINAS-CHÁVEZ, R. (Org.). **Medios de comunicación y cambio climático.** Sevilla: Fénix Editora. 2013.

HANNIGAN, John A. **Sociologia ambiental: a formação de uma perspectiva social.** Trad. Clara Fonseca. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

HECHT, Susanna B. The logic of livestock and deforestation in Amazonia. **Bioscience**, v. 43, n. 10, p. 687-695, 1993.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília: IBGE, 2018. Disponível em: www.ibge.gov.br.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Geoestatísticas de recursos naturais da Amazônia Legal.** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=24969>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

LESSA, Patrícia; CAMARGO, Michelle. Uma teoria feminista-vegana: a política sexual da carne. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 382-384, abr. 2014.

LOOSE, Eloísa. Matérias ambientais na F. São Paulo: do manual a teoria da noticiabilidade. In: GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: Desafios e reflexões.** Porto Alegre: Dom Quixote, 2008. p. 289 – 302.

LOURENÇO, Carlos; LIMA, Barbosa de. Evolução do agronegócio brasileiro, desafios e perspectivas. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, n. 118, 2009.

MARQUES, Randáu. O bom jornalismo é um instrumento de mudanças sociais. **Revista Ecos**, Porto Alegre, n. 1, p.7-11, mai. 1994.

MAZOYER, MARCEL; ROUDART, LAURENCE. **História das agriculturas no mundo**. Do Neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MELLO, Alex Fiúza de. Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável da Amazônia: O caso brasileiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 107, p. 91-108, set. 2015.

MELO, José Marques de. **Mídia, ecologia e sociedades**. São Paulo: Intercom, 2008. Coleção Temas & Educação.

MORAES, Claudia Herte de. **Entre o clima e a economia**: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas Veja, IstoÉ, Época e Carta Capital. 2015. 206f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MOUTINHO, P. O papel da sociedade civil diante do desafio da mudança do clima global: o exemplo do Observatório do Clima. In: KLINK, Carlos (Org.). **Quanto mais quente melhor?** Desafiando a sociedade civil a entender as mudanças climáticas. São Paulo: Peirópolis, 2007.

OHASHI, Otávio Mitio *et al.* Desafio da Pecuária na Amazônia frente ao novo código florestal brasileiro. **R. bras. Reprod. Anim.**, v. 42, n. 3-4, p. 202-205, jul./dez. 2018.

ORLANDI, Eni. A incompletude do sujeito: e quando o outro somos nós? In: ORLANDI, Eni P. *et al.* **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, 1988. Série Cadernos PUC - 31. p. 9-16.

PACÍFICO, Daniela A. História da modernização da agricultura: um conto de muitas facetas. In: DAL SOGLIO, Fábio; KUBO, Rumi Regina (Orgs.). **Agricultura e Sustentabilidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 33-45.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PRIMAVESI, Odo *et al.* Metano entérico de bovinos leiteiros em condições tropicais brasileiras. **Pesquisa agropecuária brasileira**, v. 39, n. 3, p. 277-283, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pab/v39n3/a11v39n3.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

RENAI. A Rede Nacional de Informações sobre o Investimento. **O Setor de Agronegócio no Brasil: Histórico e Evolução do Agronegócio Brasileiro**.

Disponível em: <http://investimentos.desenvolvimento.gov.br/intern>. Acesso em: 14 set. 2019.

RENHA, Carlos Eugenio Aguiar Pereira de Carvalho. **A Superintendência do plano de valorização econômica da Amazônia, a política de desenvolvimento regional e o Amazonas (1953-1966)**. 2017. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

ROLLEMBERG, Armando. Seminário para jornalistas sobre população e meio ambiente. **Anais [...]**. Brasília: Fenaj, 1989. (Conferência)

SANSEVERINO, Carlos Alberto Maluf. Impactos Iniciais das Queimadas na Amazônia em 2019. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO, 8., 2019, Santos - Sp. **Anais [...]**. Santos - Sp: Unisanta, 2019. v. 3, p. 579-583.

SANTOS, Pollyana Dourado; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Pensar o jornalismo na Amazônia. **TROPOS**, v. 5, n. 2, p. 1-18, dez. 2016.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 13, n. 1, p. 49-62, jan./jun. 2014.

SILVA, Jamile Pereira da. **A Amazônia na tela da Tv Escola: um olhar para as fontes na perspectiva do jornalismo**. 2019. 239f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul – RS, 2019.

SOUZA, Maria Ivonete de. **Do desbravar ao cuidar: interdependências trabalho educação no/do campo e a Amazônia Mato-Grossense**. 2014. 254f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre – RS, 2014.

STEFANELO, Eugênio L. **Agronegócio brasileiro: propostas e tendências**. Revista FAE Business, n. 3, p. 10-13, set. 2002.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 29 - Especial, p. 107-121, 2011.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. Porto Alegre – RS: Globo Livros, 2005.

UOL, **Internacionalização da Amazônia: entenda os limites do debate**.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2019/10/03/internacionalizacao-da-amazonia-entenda-os-limites-do-debate.htm>. Acesso em: 25 de março de 2020

VEIGA, José Eli. A agricultura no mundo moderno: diagnóstico e perspectivas. In: TRIGUEIRO, André (Org.). **Meio Ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2003. p. 198-213.

ZAMBERLAN, Jurandir; FRONCHETI, Alceu. **Preservação do pequeno agricultor e o meio ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2001.

APÊNDICE A – LINKS DAS REPORTAGENS DO UOL

Título	<u>Links</u>
Produção agrícola em terras indígenas deve ser liberada.	https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2019/01/03/producao-agricola-em-terras-indigenas-deve-ser-liberada.htm
Ideia de Bolsonaro de explorar terras indígenas preocupa estudiosos	https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/01/06/ideia-de-bolsonaro-de-explorar-terras-indigenas-preocupa-estudiosos.htm
Exportações brasileiras de carne bovina fecham 2018 com recorde histórico	https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/01/07/exportacoes-brasileiras-de-carne-bovina-fecham-2018-com-recorde-historico.htm
Brasil exporta até pênis de boi e farinha de sangue, penas e ossos	https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/01/23/agronegocio-exportacao-carnes-cortes-curiosos-penis-bovino.htm
'Desmame' de subsídios não pode ser radical, diz ministra da Agricultura.	https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2019/02/11/desmame-de-subsidios-nao-pode-ser-radical-diz-ministra-da-agricultura.htm
Oposição de criador dos EUA à carne brasileira é "esperneio", diz entidade	https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/03/25/agronegocio-oposicao-criadores-eua-a-carne-in-natura-brasileira.htm
Com peste suína, exportação para China é recorde	https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2019/05/12/com-pestes-suina-exportacao-para-china-e-recorde.htm
Exportação de frango do Brasil sobe com disparada de vendas à China por peste suína.	https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2019/06/07/exportacao-de-frango-do-brasil-sobe-com-disparada-de-vendas-a-china-por-pestes-suina.htm
Ministro do Meio Ambiente quer investimento estrangeiro para ampliar atividades econômicas na Amazônia	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/06/14/ministro-do-meio-ambiente-quer-investimento-estrangeiro-para-ampliar-atividades-economicas-na-amazonia.htm
Por que o futuro do agronegócio depende do meio ambiente no Brasil?	https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/bbc/2019/07/16/futuro-agronegocio-preservacao-meio-ambiente-brasil.htm

Desmatamento e agropecuária respondem por 23% das emissões de gases de efeito estufa	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/08/09/15-do-efeito-estufa-vem-de-desmate-e-agropecuaria.htm
Rebanho bovino recua, mas Brasil segue com mais boi que gente, diz IBGE	https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2019/09/20/rebanho-bovino-recua-mas-brasil-segue-com-mais-boi-que-gente-diz-ibge.htm
Aproximação com os EUA é fundamental', diz Tereza Cristina	https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2019/09/05/aproximacao-com-os-eua-e-fundamental-diz-tereza-cristina.htm
Tecnologia engorda lucro de pecuaristas	https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2019/10/28/tecnologia-engorda-lucro-de-pecuaristas.html
Pecuária do Brasil crescerá 7% em 2019 com impulso da China e sustenta PIB agro	https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2019/11/18/valor-da-producao-pecuaria-do-brasil-crescera-7-com-impulso-da-china-dz-cna.html
Por que o uso de antibióticos na agropecuária preocupa médicos e cientistas	https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2019/11/18/por-que-uso-de-antibioticos-na-agropecuaria-preocupa-medicos-e-cientistas.html
PIB do agronegócio cresce mais que conjunto da economia em 2019 e 2020	https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2019/11/19/pib-do-agronegocio-cresce-mais-que-conjunto-da-economia-em-2019-e-2020.htm
Preços da carne e do boi disparam com alta na exportação à China.	https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2019/11/22/precos-da-carne-e-do-boi-disparam-com-alta-na-exportacao-a-china.html
RR: desmatamento revela avanço à última fronteira agropecuária da Amazônia.	https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/11/29/rr-desmatamento-revela-avanco-a-ultima-fronteira-agropecuaria-da-amazonia.html

APÊNDICE B – LINKS DAS REPORTAGENS DO *GLOBO RURAL*

Título	Links
Municípios do agronegócio lideram crescimento econômico, diz Ministério	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia/noticia/2019/01/municipios-do-agronegocio-lideram-crescimento-economico-diz-ministerio.html
Mato Grosso aumentou o abate de bois em 9% em 2018, diz Acrimat	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Criacao/noticia/2019/01/mato-grosso-aumentou-o-abate-de-bois-em-9-em-2018-diz-acrimat-site.html
China e commodities lideram aumento das exportações brasileiras	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2019/01/china-e-commodities-lideram-aumento-das-exportacoes-brasileiras.html
Quase mil jumentos confinados sofrem maus-tratos no interior da BA	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2019/02/quase-mil-jumentos-confinados-sofrem-maus-tratos-no-interior-da-ba.html
É preciso mudar cultura expansionista, diz Carlos Nobre	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Sustentabilidade/noticia/2019/02/e-preciso-mudar-cultura-expansionista-diz-carlos-nobre.html
Agro gera mais de 8 mil empregos formais em janeiro	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia/noticia/2019/02/agro-gera-mais-de-8-mil-empregos-formais-em-janeiro.html
Frigoríficos de MT aumentam capacidade de abate ante perspectiva de demanda	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Criacao/Boi/noticia/2019/03/frigorificos-de-mt-aumentam-capacidade-de-abate-ante-perspectiva-de-demanda.html
Brasil continuará incomodando países concorrentes no agronegócio, diz ministra	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia/noticia/2019/03/globo-rural-brasil-continuara-incomodando-paises-concorrentes-no-agronegocio-diz-ministra.html
Puxado pela agropecuária, consumo de água deve crescer 24% em 11 anos	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2019/04/puxado-pela-agropecuaria-consumo-de-agua-deve-crescer-24-em-11-anos.html
Especialistas apostam no crescimento do setor agropecuário	https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia/noticia/2019/04/especialistas-apostam-no-crescimento-do-agropecuario.html

<p>Agricultor é burro se não defender preservação ambiental, diz ministra</p>	<p>https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Politica/noticia/2019/06/agricultor-e-burro-se-nao-defender-preservacao-ambiental-diz-ministra.html</p>
<p>Agropecuária manterá crescimento, acredita Tereza Cristina</p>	<p>https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia/noticia/2019/06/agropecuaria-mantera-crescimento-acredita-tereza-cristina.html</p>
<p>Agropecuária gerou mais de 37 mil empregos formais em maio</p>	<p>https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia/noticia/2019/06/agropecuaria-gerou-mais-de-37-mil-empregos-formais-em-maio.html</p>
<p>Bolsonaro: europeus não têm autoridade para discutir política ambiental do Brasil</p>	<p>https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Politica/noticia/2019/07/bolsonaro-europeus-nao-tem-autoridade-para-discutir-politica-ambiental-do-brasil.html</p>
<p>Agropecuária exportou US\$ 8,34 bilhões em junho, recuo de 8,9% sobre 2018</p>	<p>https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Economia/noticia/2019/07/agropecuaria-exportou-us-834-bilhoes-em-junho-recuo-de-89-sobre-2018.html</p>
<p>Setor agropecuário representa 70% do faturamento com exportações de SC</p>	<p>https://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2019/07/setor-agropecuario-representa-70-do-faturamento-com-exportacoes-de-sc.html</p>
<p>Nestlé reavalia práticas de fornecedores de carne e cacau por causa de queimadas</p>	<p>https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Empresas-e-Negocios/noticia/2019/08/globo-rural-nestle-reavalia-praticas-de-fornecedores-de-carne-e-cacau-por-causa-de-queimadas.html</p>

APÊNDICE C – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DO UOL

SD 1	“a equipe de governo do presidente Jair Bolsonaro prepara uma nova regulamentação para liberar a exploração de terras indígenas pelo agronegócio . O objetivo é autorizar parcerias entre os índios e os produtores rurais, para cultivo e criação de gado em terras já demarcadas .”
SD 2	A equipe do presidente, juntamente com a Funai (Fundação Nacional do Índio) , prepara uma regulamentação para liberar, via decreto, atividades do agronegócio dentro de terras demarcadas para os povos originários do país .
SD 3	De acordo com dados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), do Inpe, entre agosto de 2017 e julho de 2018 houve um aumento de 13,7% no desmatamento da Amazônia .
SD 4	“Hong Kong na China se revezam como o principal destino da carne bovina brasileira . Em volume, Hong Kong foi o principal destino, representando 24% do total embarcado pelo Brasil, somando quase 395 mil toneladas .”
SD 5	“ Do boi, tudo se aproveita .” afirmou Péricles Salazar, 70, presidente da Abrafrigo, que representa os exportadores deste tipo de produto”
SD 6	“ Temos uma agricultura crescente ainda no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em áreas de pecuária que estão entrando para o setor produtivo . Isso é muito bom. Precisa ter crédito.” Diz, Ministra Tereza Cristina.
SD 7	“ Por erro, irresponsabilidade nossa, exportamos carne com abscesso . Mas era apenas sujeira e não doença. Em momento algum colocamos em risco a saúde dos americanos”, afirmou o pecuarista e vice-presidente da SRB (Sociedade Rural Brasileira), Pedro de Camargo Neto .”
SD 8	A economia brasileira já começa a sentir os primeiros impactos da Peste Suína Africana (PSA) , que desde agosto de 2018 obrigou a China a sacrificar entre 150 e 200 milhões de suínos e pode derrubar em 35% a produção de carne de porco do maior produtor e consumidor mundial dessa proteína.
SD 9	“o primeiro é próprio ciclo de produção de suínos, que é longo. O tempo entre a gestação de uma matriz e o primeiro filhote pronto para abate é de quase um ano .”
SD 10	“a preço do frango subiu, mas em função do surto de salmonela que atingiu aviários de matrizes no ano passado . Os produtores de pintinhos foram obrigados a antecipar o descarte de matrizes e, com a redução na oferta, tivemos queda na produção de frangos .”
SD 11	“ as exportações de carne de frango do Brasil, que é o maior exportador global do produto , totalizaram 381,1 mil toneladas em maio,

	alta de 14,4% em comparação com o mesmo período do ano passado”
SD 12	Recentemente, após visita aos Estados Unidos, Bolsonaro afirmou, numa entrevista de rádio, que pretende propor ao governo Donald Trump parcerias para "explorar economicamente" a Amazônia.
SD 13	"O que precisa ter são atividades equilibradas, sustentáveis, e que obedecem as melhores práticas de cuidados ambientais. Para isso que existe o licenciamento." Diz o Ministro Ricardo Salles
SD 14	Agrônomos, biólogos e entidades como a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) alertam que a destruição da vegetação nativa e as mudanças climáticas têm grande potencial para prejudicar diretamente o agronegócio no Brasil , porque afetam diversos fatores ambientais de grande influência sobre a atividade agrícola.
SD 15	Desmatamento e agropecuária respondem por 23% das emissões de gases de efeito estufa responsáveis pelo aquecimento global. A perda da vegetação, por sua vez, faz o planeta absorver cada vez menos o CO2 em excesso na atmosfera, minando ainda mais sua capacidade de combater mudanças climáticas. Essa é uma das principais conclusões do relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) da Organização das Nações Unidas (ONU) , divulgado ontem - o primeiro focado no uso da terra.
SD 16	"Agricultura, desmate e outros tipos de uso da terra respondem por 23% das emissões de gases-estufa (ocorridas no planeta de 2007 a 2016). Ao mesmo tempo, processos naturais da terra (como fotossíntese) contribuem para absorver 30% das emissões de CO2 resultantes da queima de combustível fóssil e da indústria", disse Jim Skea, um dos autores do relatório. "
SD 17	O rebanho bovino do Brasil caiu 0,7% em 2018, na comparação com 2017, na esteira de um recorde na exportação de carne no ano passado, mas o país ainda tem mais boi e vacas do que gente
SD 18	Segundo o IBGE, apesar de uma queda de 1,5 milhão de cabeças, devido ao aumento dos abates pela indústria de carne, o Brasil segue com o maior rebanho comercial do mundo , com cerca de 213,5 milhões de animais, disse o instituto em nota
SD 19	"então, em alguns anos, principalmente devido ao preço do bezerro e ao preço da arroba, começa um descarte maior de fêmeas"
SD 20	"embora o Brasil consuma a maior parte de sua produção de carne bovina, as exportações continuam ajudando nos abates, que cresceram 5,5% no segundo trimestre , na comparação com o mesmo período de 2018, de acordo com dados do IBGE."
SD 21	A pecuária é uma atividade que acaba avançando em algumas áreas desmatadas, após a exploração da madeira.

SD 22	<p>“Estudos mostram que o lucro por arroba do pecuarista que usa alta tecnologia e de forma correta é três vezes maior do que a média, segundo Bruno Andrade, gerente executivo da Associação Nacional da Pecuária Intensiva. Dos 30 milhões de bois abatidos por ano no País, 5 milhões são confinados e 50% desses ganham peso com uso de alta tecnologia, movimento que cresceu nos últimos três anos.”</p>
SD 23	<p>“o Valor Bruto da Produção (VBP) pecuária do Brasil deve alcançar 234,5 bilhões de reais em 2019, um crescimento de 7,2% se comparado ao ano passado, com impulso da demanda da China pelas carnes brasileiras, apontou nesta segunda-feira pesquisa da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)”</p>
SD 24	<p>“As galinhas poedeiras, confinadas em uma área análoga ao que seria passar a vida inteira dividindo um elevador com outras 12 pessoas, segundo a ONG, não têm espaço para exercer comportamentos naturais como abrir as asas ou ciscar. Sem forças nas pernas por não movimentá-las, essas galinhas podem sofrer fraturas com o peso do próprio corpo. Isso leva a um ciclo em que o uso de antibióticos se faz necessário.</p> <p>Há ainda a debicagem, quando os bicos dessas aves são retirados para evitar, entre outros, o canibalismo — intensificado pelo estresse vivido pelos animais. É algo que leva também ao corte dos rabos dos porcos, procedimentos esses que muitas vezes exigem também o emprego de antibióticos.</p> <p>Sandra Lopes, diretora da organização Mercy for Animals no Brasil, menciona ainda a falta de ventilação, a lotação de animais ou ainda o contato com excrementos como características da realidade da produção em escala que podem debilitar a saúde dos animais.</p>
SD 25	<p>“historicamente, o agronegócio é responsável por um quinto do PIB nacional. O PIB do agronegócio vai puxar o crescimento do PIB nacional”, ressaltou o presidente do Ipea Carlos von Doellinger, em seminário sobre o agronegócio, em Brasília.”</p>
SD 26	<p>As exportações de carne bovina do Brasil para a China deram um salto de 62% no mês passado em relação ao mesmo período de 2018, um reflexo de mais frigoríficos habilitados a exportar para o mercado chinês. Tanto os preços da carne bovina no atacado quanto do boi gordo subiram cerca de 30% este mês, segundo dados do Cepea, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada ligado à Universidade de São Paulo.</p>
SD 27	<p>A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, afirmou nesta quinta-feira, 5, que a tarefa do novo governo não é “simples nem fácil” e defendeu, que no novo projeto de governo para o Brasil, a aproximação com os Estados Unidos é “fundamental”. “Temos uma relação equilibrada em termos de trocas comerciais”, afirmou a ministra, acrescentando, contudo, que a pauta agropecuária ainda é concentrada em alguns produtos.”</p>

APÊNDICE D – SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DO GLOBO RURAL

SD 1	“mostra um crescimento médio de 9,81% no Produto Interno Bruto dos municípios agrícolas do Brasil. ”
SD 2	Levantamento do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), também divulgado pela Acrimat, indica que houve um aumento significativo de abates de fêmeas. Foram 12,76% a mais no último ano ante 2017, para 2,38 milhões de cabeças.
SD 3	Esse animal se transforma em material de consumo e vai para o abate. Ou, em dado momento, você tem excesso de animais gordos para o mercado e para reduzir a oferta de bezerros aumenta-se o abate de vacas
SD 4	“ainda de acordo com o especialista, quem "manda" no mercado da carne é a fêmea, pois ela tem dupla função: ser um bem de consumo ou um bem patrimonial para produzir bezerros.”
SD 5	Segundo a FGV, a China atingiu a sua maior participação como destino das exportações brasileiras
SD 6	“foi constatada, na fazenda, a presença de duas valas que foram abertas para desovar os bichos mortos. Ainda assim, existem jumentos que estão agonizando no chão em meio aos animais vivos que estão magros, doentes e em condições precárias. ”
SD 7	A agricultura do Cerrado brasileiro pode ficar completamente inviável em um horizonte de 30 anos se o aquecimento global não for combatido.
SD 8	A Agropecuária brasileira encerrou o mês de janeiro com saldo positivo de 8,328 mil empregos com carteira assinada. Com o resultado, a agropecuária foi o terceiro maior gerador de empregos no mês passado
SD 9	Houve um incremento de 650 animais na capacidade diária de abate, entre este mês e dezembro de 2018, para 7,08 mil cabeças.
SD 10	Não tem Estados Unidos, não tem China, não tem Mercosul, porque estamos juntos produzindo. E precisamos produzir cada vez mais barato, com competitividade, produtos de grande qualidade. Nós hoje exportamos para mais de 190 países , afirmou a Ministra Tereza Cristina.
SD 11	O consumo consuntivo de recursos hídricos (que inclui o consumo de água para irrigação, uso na indústria e o abastecimento humano) no Brasil deve aumentar 24% até 2030, e a maior contribuição proporcional é da agropecuária.
SD 12	O agronegócio tem condições de manter o crescimento e sua importância na inserção do Brasil no mercado global.
SD 13	“vejo mais produtores com certa capitalização. O agro vai continuar

	crescendo mesmo com uma ação de governo que não seja tão positiva”
SD 14	“ao longo do ano, os preços na pecuária poderão ser afetados pelos desdobramentos da disputa comercial entre os Estados Unidos e a China, e dos efeitos da peste suína africana no continente asiático.
SD 15	“para Tereza Cristina, o Brasil tem uma legislação ambiental mais rigorosa que em outras partes do mundo. A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, reconheceu, que a agropecuária não “carrega” a atividade econômica brasileira da mesma forma que em anos anteriores.”
SD 16	“as relações do Brasil com mercados importantes para o agronegócio passou por momentos de incerteza com o novo governo. A maior aproximação com Israel, por exemplo trouxe um temo, especialmente na indústria de carnes, de que a reação do mundo árabe poderia ser negativa, com efeito nas exportações brasileiras.
SD 17	A agropecuária brasileira gerou 37,4 mil empregos com carteira assinada em maio, de acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério da Economia
SD 18	“Convidei ele (Macron), e a Angela Merkel para sobrevoar a Amazônia e, se encontrasse, entre Boa Vista e Manaus, um quilômetro quadrado de desmatamento, eu concordaria com eles. Eles não têm autoridade para discutir conosco essa questão”, discursou o presidente.”
SD 19	“o presidente também fez ressalvas à atuação dos representantes do agronegócio. “Os problemas que temos hoje, com todo respeito a vocês - eu participei disso e estava ao lado de vocês - foram questões que foram deixando acontecer”
SD 20	O ministério informa que as exportações de carne tiveram forte alta em junho de 2019 na comparação com igual mês de 2018”
SD 21	O setor agropecuário contribuiu com 70% do faturamento com exportações do Estado de Santa Catarina no primeiro semestre do ano. A informação é da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural.
SD 22	“A Nestlé está reavaliando as práticas de seus fornecedores de carne e cacau no Brasil em meio a preocupações com as queimadas na Amazônia e a possível ligação dos incêndios com a atividade agropecuária da região.”